



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

RAYSSOANE MORAES DOS SANTOS

**ABORDAGENS PEDAGÓGICAS PARA SURDOS NA FASE PRÉ-ESCOLAR:
UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA PRÉ-ESCOLAR SANTA TEREZINHA**

Tocantinópolis/TO

2019

RAYSSOANE MORAES DOS SANTOS

**ABORDAGENS PEDAGÓGICAS PARA SURDOS NA FASE PRÉ-ESCOLAR:
UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA PRÉ-ESCOLAR SANTA TEREZINHA**

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo com habilidade em Artes e Música, sob a orientação do Professor Maciel Cover.

Tocantinópolis/TO

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- S237a Santos, Rayssoane Moraes dos .
Abordagens Pedagógicas para Surdos na Fase Pré-Escolar: Um Estudo de Caso na Escola Pré-Escolar Santa Terezinha. / Rayssoane Moraes dos Santos. – Tocantinópolis, TO, 2019.
57 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2019.
Orientador: Maciel Cover

1. Abordagens pedagógica. 2. Educação Especial. 3. Educação Infantil. 4. Libras. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

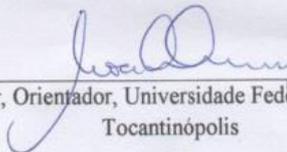
RAYSSOANE MORAES DOS SANTOS

ABORDAGENS PEDAGÓGICAS PARA SURDOS NA FASE PRÉ-ESCOLAR: UM
ESTUDO DE CASO NA ESCOLA PRÉ-ESCOLAR SANTA TEREZINHA

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo com habilidade em Artes e Música, sob a orientação do Professor Maciel Cover.

Data de aprovação: 21 / 11 / 2019

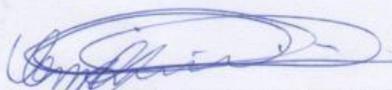
Banca Examinadora



Professor Maciel Cover, Orientador, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis



Professora Fabiane Silva Barroso, Examinadora, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis



Professor Ubiratan Francisco de Oliveira Examinador, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Tocantinópolis (TO)
2019

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer à Deus o todo poderoso, por me conceder vida, saúde e sabedoria para que pudesse concluir esta graduação, foram dias difíceis nos quais pensava em desistir.

Quero externar meus agradecimentos a minha família que sempre esteve ao meu lado apoiando nos dias maus, eu sou muito grata a cada um que proporcionou esta conquista para que este sonho pudesse ser realizado.

Quero também agradecer ao meu orientador, Professor Maciel Cover, que aceitou o desafio de estar me orientando sobre um tema complexo, ao qual assim como eu era leigo, mas sempre mostrou interesse e dedicação para que este trabalho fosse concluído, a ele meus sinceros agradecimentos.

À minha Iranir Moraes, mulher guerreira, minha primeira protagonista, que sempre incentivou aos seus cinco filhos, que em primeiro lugar Deus, em segundo os estudos era o que nos levaria aonde nossos sonhos e pés pudessem chegar, a você mãe ofereço esta graduação, minha felicidade é sua, minha razão e viver é você, és tudo para mim... Te agradeço por cada cuidado nos dias difíceis, pela preocupação com a minha alimentação em dias que ficava horas e horas na frente do computador, obrigada por cada chazinho de capim “santo” para me acalmar, muito grata e palavras não descreveriam essa gratidão.

Também quero agradecer a uma pessoa muito especial que passou pela minha vida, na qual foi um dos grandes protagonistas para que este sonho, que se encontrava esquecido e engavetado, pudesse tornar realidade, sempre me incentivou a voltar a estudar pois, encontrava-me a oito anos fora da sala de aula sem perspectivas, animo e força de vontade para voltar a sonhar, ele sempre usava a expressão “vai estudar o teu melhor esposo será os seus estudos e ninguém poderá tirar de você” vai ser alguém de mais valor, vai em busca dos seus sonhos, ser uma pessoa mais crítica, meus sinceros agradecimentos, Lusivânio Sousa.

Ao curso de Educação do Campo que me possibilitou ser uma mulher mais crítica empoderada, dona dos meus sonhos. É imprescindível ressaltar que o curso me possibilitou melhor compreensão sobre culturas, memórias, religiosidade... Muito grata ao corpo docente LEDOC, grandes profissionais, cada um contribuiu positivamente para meu processo de formação, cada aprendizado foi de grande valia.

RESUMO

Este trabalho monográfico tem como título "Abordagens pedagógicas para surdos na fase pré-escolar: um estudo de caso no pré-escolar Santa Terezinha de Tocantinópolis". Tem como objetivo conhecer o processo de alfabetização do aluno surdo Luiz Otávio Campos Martins Reis na Tuma jardim II, no Bairro Alto Bonito, na cidade de Tocantinópolis localizada na região do Bico do Papagaio, estado do Tocantins. É no início do século XVI a gênese dos procedimentos pedagógicos, que favorecem o ensino e aprendizagem da pessoa surda, a partir de então surgem várias discussões entre pesquisadores sobre os diferentes métodos e filosofias acerca das abordagens na educação e surdos. Faz-se necessário saber que a Língua Brasileira de Sinais Libras é a segunda língua oficial do Brasil, a partir da lei Federal 10.436/2002, decretada pelo congresso nacional, que oficializa a Libras em todo território nacional. Essa lei reconhece a Libras como meio legal de comunicação das comunidades de pessoas surdas do Brasil. Este trabalho traz a proposta de aprofundar reflexões junto com a instituição escolar pré-escolar Santa Terezinha e a instituição acadêmica (UFT) Universidade Federal do Tocantins, a importância do processo de alfabetização do aluno surdo. A metodologia adotada foi desenvolvida inicialmente através de um estudo bibliográfico a fim de entender como ocorrem as "abordagens" e práticas docentes no processo educativo do aluno, para a estruturação da mesma foi realizado um questionário a fim de obter respostas dos entrevistados para análise quantitativa, com professor regente da sala, professor interprete na qual serviu de base para pesquisa exploratória. Também foram realizadas observações em sala de aula com presença do professor interprete, para compreender como se dá o acompanhamento do aluno, do início ao término da aula. E nesse processo de análise de aprendizagem do aluno requer tanto do professor que está "transmitindo" quanto do aluno que está "recebendo" os sinais de postura de responsabilidade, aonde se revelará um mecanismo de controle dos conteúdos, e dos resultados do educando. A segunda observação em sala de aula foi exercida, com o professor regente para esta também foram realizadas 03 observações, sendo assim foi colocado em pauta como se dá a aprendizagem do aluno, sua comunicação com os colegas e o professor em sala de aula. Como conclusões apontaram que o professor regente até tenta inserir o aluno nos momentos das aulas, contudo pelo fato do mesmo não ter conhecimento em língua de sinais, sua comunicação com a criança é limitada, não tem como o professor auxiliar o aluno em atividades mais complexas. Contudo para que o aluno não seja excluído em sala o professor ocupa a criança com atividades para "colorir", porém quando o aluno termina a tarefa o mesmo fica disperso em sala.

Palavras-chave: Abordagens pedagógica. Educação Especial. Educação Infantil. Libras.

ABSTRACT

This monographic work is entitled *Pedagogical Approaches for the Deaf in the Preschool Phase: A Case Study in the Preschool Santa Terezinha de Tocantinópolis*. It aims to know the process of literacy of the deaf student Luiz Otávio Campos Martins Reis in Turma Jardim II, in Bairro Alto Bonito, in the city of Tocantinópolis located in the region of Bico do Papagaio, state of Tocantins. Since ancient times there have been discussions among various researchers about methods and philosophies about approaches in education and the deaf. It is necessary to know that the Brazilian Sign Language (Libras) is the second official language of Brazil, from the Federal Law 10.436 / 2002, decreed by the national congress, which makes Libras official throughout the national territory. This law recognizes the pound as a legal means of communication for deaf communities in Brazil. This paper proposes to deepen reflections with the Santa Terezinha preschool and the Federal University of Tocantins, the importance of the deaf student's literacy process. The adopted methodology was initially developed through a bibliographic study in order to understand how the "approaches" and teaching practices occur in the student's educational process. For its structuring, a questionnaire was conducted in order to obtain answers from the interviewees for quantitative analysis. with classroom teacher, interpreter teacher on which served as the basis for exploratory research. Observations were also made in the classroom with the presence of the interpreter teacher, to understand how the student is monitored from the beginning to the end of the class. And in this process of student learning analysis requires both the teacher who is "transmitting" and the student who is "receiving" the signals of responsibility posture, which will reveal a mechanism for controlling the contents and the results of the student. The second observation in the classroom was performed, with the conducting teacher for this were also made 03 observations, so it was put on the agenda as the student learning, its communication with colleagues and the teacher in the classroom. As conclusions pointed out that the conducting teacher even tries to insert the student at the time of classes, however because he has no knowledge of sign language, his communication with the child is limited, there is no way for the teacher to assist the student in more complex activities. However, so that the student is not excluded in the classroom, the teacher occupies the child with activities to "colorize", but when the student finishes the task it is dispersed in the classroom.

Keywords: Pedagogical approaches. Special Education. Early Childhood Education. Libras

LISTA DE SIGLAS

LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
ILS	Interprete em Língua de sinais
ASL	Língua de Sinais Americana
AEE	Atendimento Educacional Especializado
LSB	Língua de Sinais Brasileira.
OMS	Organização Mundial de Saúde
SEM	Sala de Recurso Multifuncional.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E APORTES LEGAIS.....	15
2.1	Conceito de surdez e deficiente auditivo.....	17
2.2	O que é Educação Inclusiva? E Educação Especial?.....	18
2.3	Aportes legais.....	20
3	AS DESCOBERTAS DE PESQUISAS BRASILEIRAS.....	22
3.1	Abordagens com alunos surdos: reflexões na perspectiva construtivista.....	26
3.2	Situações da vida escolar de Luiz Otávio.....	28
3.3	O ambiente escolar e o aluno surdo.....	28
3.4	A comunidade escolar e o dia nacional do surdo.....	38
3.5	Considerações sobre as observações no ambiente escolar.....	39
3.6	“Minha profissão é na área da surdez”.....	40
3.7	“A nossa história”.....	41
3.8	A comunicação entre mãe e filho.....	43
39	“Meu processo de formação foi através do magistério”.....	45
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
	REFERÊNCIAS.....	48
	APÊNDICE.....	50
	ANEXOS.....	53

1 INTRODUÇÃO

Quando pronunciamos práticas pedagógicas, instantaneamente podemos imaginar, quais pedagogias e modelos estão inseridos nessas práticas. Neste sentido o problema aqui é compreender como ocorre essa abordagem no processo educativo de um aluno surdo. Tomamos como caso uma experiência na instituição pré-escolar Santa Terezinha na cidade de Tocantinópolis. Sobre a educação das pessoas surdas, existem várias discussões referentes à relação da língua oral, língua de sinais, e as dificuldades com a língua portuguesa escrita, entre outros pontos.

A Língua Brasileira de Sinais – Libras é a língua utilizada pela comunidade surda em nosso país, na qual proporciona aos mesmos uma comunicação eficiente como as demais pessoas falantes do português, por exemplo. William Stokoe (1960) realizou um estudo linguístico em que conseguiu demonstrar que Língua de Sinais Americana (ASL) possui os mesmos parâmetros fonológicos, morfológicos e sintáticos que as demais línguas orais. É uma língua viva e autônoma, reconhecida pela linguística que através de pesquisa com filhos surdos de pais surdos estabelecem que a aquisição precoce da língua de sinais dentro do lar é um benefício e que esta aquisição contribui para o aprendizado da língua oral como segunda língua dos surdos. (PACHECO e ESTRUC, 2011, p.31)

A idéia de pesquisar esse tema surgiu a partir do retiro de carnaval, a qual participei nos dias 02/03/2019 a 06/03/2019 organizado pela Igreja Batista Memorial de São João do Paraíso – MA. Participou juntamente conosco um jovem surdo, o mesmo foi convidado por sua prima Andressa Castro, que possui pós-graduação em Libras, que do início ao fim dos trabalhos a mesma estava inter-relacionando-se com jovem, esse ato foi muito impactante para minha vida, daí surgiu a ideia de ir a campo pesquisar como acontecem as práticas e abordagens pedagógicas desses alunos na escola.

Durante muito tempo ocorreram debates entre vários autores sobre métodos e filosofias acerca das abordagens na educação de surdos. É no início do século XVI que as pessoas surdas começam a aprender através de procedimentos pedagógicos sem que haja interferências sobrenaturais. A finalidade da educação dos surdos era desenvolver seu pensamento, adquirir conhecimento e se comunicar com mundo ouvinte, a fala era utilizada como uma estratégia para alcançar os objetivos. Era frequente manter em segredo a forma de condução do processo educacional das pessoas surdas. Não era comum a troca de experiências entre os pedagogos cada um trabalhava de forma autônoma. Ficando difícil saber o que era feito naquela época.

De acordo com Heinicke (1754) importante pedagogo Alemão professor de surdos, seu método era somente conhecido pelo seu filho o mesmo alegava que tinha passado por tantas dificuldades que não iria passar seu método pra ninguém. O espanhol Pedro Ponce de León em geral é reconhecido os trabalhos históricos como o primeiro professor de surdos.

Segundo Lacerda (1988), muitos professores iniciavam o ensino dos seus alunos utilizando leitura-escrita, e partindo daí instrumentalizava-se diferentes técnicas para desenvolver outras habilidades, tais como leitura labial e articulação das palavras.

No século XVII foi aberta uma brecha que alargaria e que com o passar do tempo separaria os oralistas dos gestualistas. Os primeiros exigiam que os surdos falassem por meio da oralidade e que se comportassem como se não fossem surdos. Os segundos gestualistas eram mais tolerantes diante, das dificuldades da língua falada e foram capazes de ver que os surdos desenvolviam uma língua que embora diferente da língua oral era eficaz para a comunicação e lhe abriria portas para conhecimento da cultura.

Em 1750 na França surge Abade Charles Michel de L' Epee que aprendeu com as pessoas surdas a língua de sinais e posteriormente criou uma metodologia de ensino chamada, "sinais metódicos", o grande sucesso desse método fez com que a sua casa fosse transformada numa escola pública. L' Eppe e seu seguidor Sicard defendiam que todas as pessoas com surdez independente do seu nível social deveria ter direito a educação pública e gratuita

Em 1817 Thomas Hopking Gallaudete, junto com Lawrent Clerc fundou a primeira escola para alunos com surdez nos EUA que utilizava como forma de comunicação do francês sinalizado, adaptado para o inglês. Em 1821, toda a escola pública americana passaram a caminhar na direção da ASL (Língua de Sinais Americana). Em 1864 foi fundada a primeira universidade nacional de surdos a Universidade Gallaudet. Em 1960 o método oral ganha força devido os avanços tecnológicos.

O maior defensor dos métodos orais foi Alexander Graham Bell. Os métodos orais sofrem bastantes críticas, pois dão a ênfase a leitura orofacial, e a linguagem feita pela via auditiva. Para Goldfield (1997) o objetivo do oralismo consiste em fazer com que a criança surda receba a linguagem oral através da fala, e o alfabeto digital. Os gestos são proibidos. A surdez é vista como uma deficiência que deve ser minimizada por meio estimulação auditiva, seria, portanto, a única maneira de acesso a língua portuguesa e conseqüentemente levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte, se aproximando ao máximo ao mundo das pessoas ouvintes. Isso significa que o objetivo do oralismo é fazer a reabilitação da criança surda em direção a normalidade. Oralismo dominou até a década de sessenta quando Willliam

Stokoe publicou um artigo demonstrando que a língua de sinais tem a mesma característica que as línguas orais.

No Brasil, a educação com pessoas surdas teve início em 1857 ao ser fundada a primeira escola especial no Rio de Janeiro por um professor surdo francês, Ernest Huet como o apoio de D Pedro II, e que hoje tem o nome de Instituto Nacional de Surdos (INES) onde se utilizava a língua de sinais como meio de instrução. Segundo Goldfield (1997) o INES em 1911 passou a assumir abordagem oralista apesar da resistência dos alunos que continuavam a utilizar língua de sinais fora da sala de aula. Alguns motivadores preocupados com a educação de surdos no Brasil procuravam uma melhor maneira para atender o ensino desses sujeitos e daí, encontraram a proposta da comunicação total, que chega ao Brasil no fim da década de setenta, e na década seguinte o bilinguismo que surge as pesquisas da professora linguística Luciana Ferreira Brito sobre língua de sinais.

Em 1968 surge à chamada comunicação total que assim como o oralismo sofreu muitas críticas, a mesma defende que as crianças surdas sejam tiradas da posição de isolamento, defende o alfabeto datilológico, português sinalizado, língua de sinais, etc. Assim podem ser utilizados mais que sejam atentamente obedecidos a gramática da língua oral, não obedecendo língua de sinais, a comunicação oral não garante o desenvolvimento da criança.

Ciccone (1990) demonstrou que muitas crianças que foram expostas sistematicamente à modalidade oral de uma língua, antes dos três anos de idade, conseguiram aprender esta língua, mas, no desenvolvimento cognitivo, social e emocional, não foram bem sucedidas. A comunicação total não dá ênfase somente a língua, mas preocupa-se em tirar a criança da posição de isolamento, e assim possibilita que a mesma se comunique com professores e familiares.

A educação bilíngue tem como pressuposto o sujeito ser bilíngue, quer dizer, que a língua de sinais seja como a língua materna, e a língua portuguesa como a segunda língua, na modalidade escrita em virtude nesse modelo é possível que o surdo seja ensinado através de duas línguas. Assim a mesma é oposta ao modelo da comunicação total, pois defende a língua de sinais no processo de alfabetização. A preocupação do bilinguismo é respeitar a autonomia das línguas de sinais organizando-se um plano educacional que respeite a experiência psicossocial e linguística da criança surda.

De acordo com Brito (1993) no bilinguismo a língua de sinais é considerada uma importante via para o desenvolvimento do surdo, em todas as esferas de conhecimento, e, como tal, “propicia não apenas a comunicação surda – surdo, além de desempenhar a importante função de suporte do pensamento e estimulador do desenvolvimento cognitivo e social”.

A questão principal para o bilinguismo é a surdez e não a surdez, ou seja, os estudos se preocupam em entender o surdo, suas particularidades, sua língua (a língua de sinais), sua cultura e a forma singular de pensar, agir etc. e não apenas os aspectos biológicos ligados a surdez. (GOLDFELD, 2002, p. 43).

Para Quadros (2002, p.54) é fundamental reconhecer as línguas envolvidas no processo educacional dos alunos surdos, ou seja, a Libras e a língua portuguesa na modalidade escrita. Há, no entanto duas maneiras distintas de definição da filosofia bilíngue. A primeira acredita que a criança surda deve adquirir a língua de sinais e a modalidade oral de seu país, sendo que a posteriormente a criança deverá ser alfabetizada na língua oficial de seu país. (GOLDFELD 2002, p. 43)

A definição do conceito de educação bilíngue para surdos, ficou ainda melhor definida após a regulamentação, por meio do Decreto 5.626/05, dentre outros aspectos relacionados a educação dos surdos esse documento legal traz a seguinte definição:

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - Escolas e classes de educação bilíngue [...]

II-Escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino [...] com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo (BRASIL, 2005).

A justificativa de escolha do tema, além da inclinação pessoal que expus anteriormente, se fundamenta também no fato de serem poucas as pesquisas sobre educação de surdos na fase pré-escolar no estado do Tocantins. Esta pesquisa tem sua relevância, pois poderá permitir novos olhares tanto pelos aspectos teóricos, quanto pelos aspectos experimentais de observação em sala de aula no atendimento educacional do aluno surdo assim permitirá acrescentar condições de aprendizagem para comunidade surda, esta pesquisa é importante pois busca informações de como está ocorrendo o processo de alfabetização da comunidade surda, levantar informações de como é relevante examinar os aspectos de desenvolvimento da criança, desempenhar um estudo a fim de compreender a realidade das crianças surdas, na fase pré-escolar. Com isso já veio á necessidade de se realizar uma pesquisa que escute a voz a comunidade, especialmente aos alunos que possuem limitações auditivas, onde os mesmos estão inseridos em uma sala de aula com alunos ouvintes com desenvolvimento normal, e o aluno com necessidades auditivas. Também é o objetivo dessa pesquisa entender como se dá a postura do professor com aluno com surdez.

A metodologia adotada foi desenvolvida inicialmente através de um estudo bibliográfico a fim de entender como ocorrem as “abordagens” e práticas docentes no processo educativo do aluno surdo, e, posteriormente, no Pré-Escolar Santa Terezinha na cidade de Tocantinópolis, levantamos dados empíricos através de observação participante e entrevista com agentes que consideramos relevantes para o caso. Para a estruturação da mesma foi realizado um questionário a fim de obter respostas dos entrevistados para análise quantitativa, com professor regente da sala, professor interprete e mãe da criança na qual serviu de base para pesquisa exploratória.

Também foram realizadas 04 observações em sala de aula com presença do professor intérprete, buscando ver como se dá o acompanhamento do aluno, do início ao término da aula. E nesse processo de análise de aprendizagem do aluno requer tanto do professor que está “transmitindo” quanto do aluno que está “recebendo” os sinais de postura de responsabilidade, aonde se revelará um mecanismo de controle dos conteúdos, e dos resultados do educando.

A segunda observação em sala de aula foi exercida, com o professor regente para esta também foram realizadas 03 observações, sendo assim foi colocado em pauta como se dá a aprendizagem do aluno, sua comunicação com os colegas e o professor em sala de aula.

A investigação empírica é indispensável para assim, obter resultados e melhor compreender a situação vivenciada pelo aluno surdo nessa escola que professor regente desconhece língua de sinais, o aluno tem somente acompanhamento do interprete duas vezes na semana ficando os demais dias com professor ouvinte, não tendo o mesmo, condições adequadas de comunicar-se com a criança e até mesmo em auxiliá-lo com as atividades em sala de aula, o aluno fica esquecido no momento das atividades propostas em aula.

Este trabalho está organizado em três capítulos, os quais estão estruturados nos seguintes tópicos: no primeiro capítulo intitulado Contextualização histórica e aportes legais na qual vem destacar o que os autores como Lacerda (1998); Goldfeld (2002); Quadros; Karnopp (2004), falam à cerca da educação de pessoas surdas, riqueza cultural que a comunidade surda traz com as suas experiências sociais, culturais e científicas.

No capítulo segundo será apresentada abordagens pedagógicas para alunos surdos na fase pré-escolar as descobertas de pesquisas brasileiras e sobre tal as várias indagações. De acordo com Minguete (1998) o ensino e aprendizagem antes concebidos como atos isolados são redescobertos como faces de um processo que possibilita a existência de experiências significativas para quem o vivencia.

O terceiro capítulo trará discussões sobre abordagens pedagógicas no pré-escolar Santa Terezinha, abordará as entrevistas executadas com professor regente, o (ILS) Intérprete em

Língua de Sinais e mãe da criança. Por fim comentaremos os resultados que esta pesquisa trouxe entre eles resultados parecidos com de alguns pesquisadores e algumas respostas que não foram encontradas nas demais.

Luiz Ótávio Campos Martins é aluno que serviu de referência para esta pesquisa o mesmo tem 06 anos de idade é surdo, somente é oferecido o interprete para a criança duas vezes na semana. O professor Oderlan Nobrega Carvalho trabalha há oito anos como tradutor e interprete o mesmo tem formação em letra Libras e pedagogia é concursado no município de Tocantinópolis - TO, e a um ano está na instituição escolar pré-escolar Santa Terezinha como interprete do aluno surdo Luiz Ótávio, ficando como principal responsável pelo processo de alfabetização do aluno com surdez.

O professor regente do aluno é Pedro Airton Ferrer de 55 anos de idade há quinze anos o mesmo trabalha na rede municipal e seu processo de formação se deu através do magistério, o mesmo não teve formação em Língua Brasileira de Sinais, e o município não oferece essa formação aos docentes, a três anos trabalha na instituição escolar, sendo que entrou como monitor de uma criança especial no ano de 2018 onde foi sua primeira experiência. Neste ano de 2019 o mesmo é professor regente e tem em sala de aula o aluno surdo Luiz Otávio. A instituição escolar a qual servirá de análise, para onde desenvolvemos esse projeto de pesquisa, foi o pré-escolar Santa Terezinha, localizada no perímetro urbano do município de Tocantinópolis, no Bairro Alto bonito, Rua Alcides Miranda s/n. A escola tem somente um aluno com surdez.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E APORTES LEGAIS

Os autores que utilizaremos para endossar esse capítulo serão Goldfeld (2002); Quadros; Karnopp (2004); Lacerda (1998), buscaremos descrever as diferentes abordagens educacionais relacionadas à educação de surdos no Brasil, perpassando pelos conceitos de escola especial, escola inclusiva e ainda traremos um recorte sobre as legislações que amparam os direitos das pessoas surda.

Conforme Moores (1978) durante a antiguidade e por quase toda a Idade Média pensava-se que os surdos não fossem educáveis, ou que fossem imbecis. Os poucos textos encontrados referem-se prioritariamente a relatos de curas milagrosas ou inexplicáveis. Lacerda (1998) destaca, o papel fundamental que o Abade Francês Charles M. de L'Épée teve na educação dos surdos, sendo considerado o pioneiro no uso de uma abordagem gestualista para o ensino de surdos, o "método francês" de educação de surdos. Charles De L'Épée foi o primeiro a estudar uma língua de sinais usada por surdos, com atenção para suas características linguísticas. O abade, a partir dessa observação, verifica que estes desenvolviam um tipo de comunicação apoiada no canal viso-gestual, de uma forma muito satisfatória.

Partindo dessa língua gestual, ele desenvolveu um método educacional, apoiado nos sinais utilizados pela comunidade de surdos francesa, acrescentando a estes sinais a estrutura da língua francesa o que denominou como sendo os "sinais metódicos". A proposta educativa defendia que os educadores deveriam aprender tais sinais para se comunicar com os surdos; eles aprendiam com os surdos e, através dessa forma de comunicação, ensinavam a língua falada e escrita do grupo socialmente majoritário. Teve grande sucesso na educação das pessoas com surdez transformando sua casa em uma escola pública.

Em 1775, fundou uma escola, a primeira em seu gênero, com aulas coletivas, onde professores e alunos usavam os chamados sinais metódicos. Divulgava seus trabalhos em reuniões periódicas e propunha-se a discutir seus resultados. Em 1776, publicou um livro no qual divulgava suas técnicas. Para De L'Épée, a língua de sinais é concebida como a língua natural dos surdos e como veículo adequado para desenvolver o pensamento e sua comunicação. Para ele, o domínio de uma língua, oral ou gestual, é concebido como um instrumento para o sucesso de seus objetivos e não como um fim em si mesmo.

De acordo com Lacerda (1998), a diferença entre linguagem e fala, é a necessidade de um desenvolvimento pleno de linguagem para o desenvolvimento normal dos sujeitos.

De outro lado e na mesma época, a saber, no ano de 1750, com as ideias de Samuel Heinick, na Alemanha, surgem as primeiras noções do que hoje constitui a filosofia educacional oralista, filosofia que acredita ser o ensino da língua oral, e a rejeição total da língua de sinais a única forma de ensino plausível para as crianças surdas, cujo o objetivo era fazer a reabilitação da criança surda em direção à normalidade, á “não surdez” Goldfeld (2002, p.34). Heinick foi fundador da primeira escola pública baseada no método oral, ou seja, que utilizava apenas a língua oral na educação das crianças surdas.

A metodologia de L’Epée e Heinick se confrontaram, anos mais tarde os argumentos de L’Epée foram considerados insuficientes, e com isso foram negados recursos para ampliação de seu instituto, Goldfeld, (2002. p. 29). Conforme Lacerda, (1998) no primeiro congresso Internacional sobre instrução de surdos, no qual fizeram acalorados debates a respeito das experiências e impressões sobre o trabalho realizado até então alguns grupos defendiam a idéia que falar era melhor que usar sinais, ali os surdos tiveram algumas conquistas importantes como o direito de assinar documentos, tirando-os da “marginalidade social” mais mesmo assim estavam longe de uma integração.

No II Congresso Internacional sobre instrução de surdos, realizado em Milão em 1880 foi preparado por uma maioria Oralista com o propósito de dar força de lei as suas proposições no que dizer respeito á surdez e a educação de surdos. O método alemão vinha ganhado cada vez mais adeptos e estendendo progressivamente para a maioria dos países europeus, acompanhado os destaques políticos da Alemanha no quadro internacional da época. Acreditavas se o que o uso de gestos e sinais desviasse o surdo da aprendizagem da língua oral que era mais importante do ponto de vista social, as decisões tomadas no congresso Milão levaram a que a linguagem gestual fosse praticamente banida como forma de comunicação a ser utilizada por pessoas surdas no trabalho educacional vinha ganhando cada vez mais adeptos, as discussões do congresso apresentavam-se bem para mostrar a eficiência do método oral. Todos os participantes, em sua. Assim o mundo todo a partir do congresso de Milão o oralismo foi referencial assumido e as práticas e as práticas educacionais vinculadas a ele foram amplamente desenvolvidas e divulgadas. Os resultados de muitas décadas de trabalho nesta linha não mostram grande sucesso, segundo Lacerda (1998).

Neste congresso foi colocado em votação qual método deveria ser utilizado na educação de surdos. O oralismo venceu, e o uso de língua de sinais foi oficialmente proibido, a mesma percebe a surdez como uma deficiência que deve ser corrigida pela estimulação auditiva. O oralismo dominou em todo o mundo até a década de 1970, ano que em que Wlliam Stokoe publicou seu artigo, demonstrando que a língua ASL a língua de sinais América é uma língua

com todas as características das línguas orais baseado essa publicação surgiram diversas pesquisas sobre a língua de sinais e sua aplicação na educação e na vida do surdo, que analisadas a uma grande insatisfação por parte dos educadores e dos surdos com método oral, deram origem á utilização da língua de sinais e de outros códigos manuais na educação da criança surda. (GOLDFELD, 2002, p. 31)

O estudo da fonologia da Libras parte de considerações acerca da organização fonológica da língua de sinais em oposição à língua oral. Citando os trabalhos pioneiros de Stokoe e seus colaboradores em relação à ASL, as autoras ressaltam o caráter não-holístico dos sinais, que "[...] podem ser analisados em termos de um conjunto de propriedades distintivas (sem significado) e de regras que manipulam tais propriedades." Observando que o caráter dual da estrutura fonológica da língua de sinais, apesar das diferenças nos articuladores se comparados aos da língua oral, "atesta a abstração e a universalidade da estrutura fonológica nas línguas humanas. "Exemplos da ASL ilustram a observação, como na designação das diferentes tonalidades de uma cor, obtida mediante variação do movimento do sinal referente à cor básica. Além de realizar contrastes lexicais, o movimento codifica também categorias gramaticais, como tempo dos verbos - "na ASL, o significado do Verbo FICAR EM PÉ torna-se FICAR EM PÉ POR MUITO TEMPO, caso se adicione um movimento circular a esse sinal [...]" A formação de compostos na LSB recebe tratamento detalhado. Ressaltando o caráter sintático do processo, conforme observado em Basílio (1987, apud QUADROS; KARNOPP, 2004), bem como o fato de que o significado do composto geralmente não é composicional (não se depreende do significado das partes), exatamente como nas línguas orais. (QUADROS; KARNOPP, 2004, pág.206)

No estudo da fonologia da LIBRAS, segue-se a discussão orientada para uma comparação com o sistema fonológico das línguas orais. Nesse contraste, as autoras ressaltam o fato de que o número de traços definidos pelos parâmetros das línguas de sinais é significativamente maior do que o encontrado nas línguas orais. Acrescentam, porém, que tal contraste pode ser explicado se os traços definidos pelos parâmetros forem associados ao nível fonético. Uma vez realizada a investigação das propriedades fonológicas das línguas de sinais, pode-se chegar à redução do número de traços, o que propiciará comparação mais acurada com as línguas orais no que se refere à representação das propriedades fonológicas.

2.1 Conceito de surdez e deficiente auditivo

A surdez é definida pela organização Mundial de Saúde como a “perda completa da capacidade de ouvir em uma ou ambas as orelhas”. Geralmente um indivíduo que tem perda auditiva profunda e costuma usar língua de sinais para se comunicar. As pessoas que se identificam com a “cultura surda, utilizam a língua de sinais e participam ativamente da comunidade, consideram-se surdas. Para eles, a perda auditiva é encarada como uma forma

diferente de aproveitar o mundo e não como uma deficiência que o limitam de ter uma vida como qualquer outra.

Por outro lado, aqueles que não se identificam com a cultura dos surdos, são considerados deficientes auditivos. A deficiência auditiva significa a diminuição na capacidade de ouvir sons - uma ou ambas, orelhas - da mesma maneira que outras pessoas. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), os indivíduos com perda auditiva que varia de leve a grave, podem ser classificados como deficientes auditivos. Geralmente, essas pessoas com dificuldade de audição se comunicam pela língua falada oralmente e podem fazer uso de aparelhos auditivos, implantes cocleares e outros dispositivos. A questão do implante coclear está ganhando espaço nas publicações brasileiras, entretanto não adentraremos nesses aspectos no decorrer de nosso estudo. A este respeito, Capovilla (1998, p. 76-77) ressalta a “urgente necessidade de pesquisa comparando a eficácia relativa das duas abordagens para o desenvolvimento cognitivo, lingüístico e acadêmico da criança surda: a oralista assistida pelos novos recursos do implante coclear, e a bilíngüe baseada na língua de sinais”.

Vale destacar ainda que os conceitos apresentados pelo Decreto 5.626/05 em comparação com os expressos pela organização mundial da saúde são bem diferentes, pois a OMS trata a questão da surdez apenas do viés clínico e patológico enquanto o documento legal brasileiro aponta para um viés sociolingüístico, conforme se segue:

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz. (BRASIL, 2005)

Assim sendo a questão da surdez deixou de ser vista apenas pela questão da ausência da audição e sim na perspectiva da socio linguística, ou seja, a pessoa surda está inserida num contexto social diferenciado dos demais e desenvolve uma língua que está em harmonia com sua condição, uma língua gesto-visual. E ainda para a legislação brasileira a diferença entre uma pessoa ser surda ou ter uma deficiência auditiva, está relacionado ao uso ou não da Libras, independente do grau de perda auditiva.

2.2 O que é Educação Inclusiva? E Educação Especial?

Antes de adentrarmos propriamente no tema educação inclusiva é fundamental retornarmos o processo de ensino aprendizagem que as pessoas com deficiência auditiva

estavam sujeitas até o século XVIII tinham direito a uma educação formal e viviam a margem da sociedade, com passar do tempo, porém, percebeu-se uma mudança de concepção, e tais pessoas passaram por um processo de segregação por meio dos institutos, abrigos ou escolas especiais. No Brasil as primeiras escolas especiais foram o INES (1857) que se dedica aos surdos, o Instituto Benjamin Constant-(IBC) em 1854 com o foco na educação das crianças cegas e anos mais tarde é criado o Instituto Pestalozzi (1954) para o acolhimento das pessoas com algum transtorno mental.

Sendo assim é pertinente ressaltar que a escola inclusiva ideal, ou uma escola bilíngue para pessoas surdas, infelizmente estão representadas apenas nas leis e decretos bonitos, não saem papel. Longe da realidade, principalmente em locais afastados dos grandes centros, como é o caso deste estudo realizado na região norte do Estado do Tocantins.

A escola inclusiva, para alcançar suas metas, deve ser uma instituição a frente do seu tempo, porque, “a escola para todos requer uma dinamicidade curricular que permite ajustar o fazer pedagógico com as necessidades dos alunos”. Segundo Libâneo (2000, p.22), Educação é o conjunto de ações, processos, influências, estruturas que intervém no desenvolvimento humano de indivíduos e grupo na relação ativa com o ambiente natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais. Para o autor, essa concepção de educação é necessária e fazer uma análise do contexto familiar, pois não há como articular família-escola sem entender o que eles pensam e sem tentar sensibilizá-los da sua importância no aprendizado dos seus filhos e quando falamos que alunos com necessidades especiais, aí que deveriam estar mais atentos e envolvidos no processo de escolarização.

No artigo 208 da Constituição de 1988 já estava previsto que as crianças com deficiência deveriam ter um atendimento no contraturno, por meio do atendimento educacional especializado que pode ser definido como um dos princípios para o ensino, e garante, como dever do Estado, a oferta do atendimento preferencialmente a rede regular do ensino. As Salas de Recursos Multifuncionais são espaços da escola onde se realiza o atendimento educacional especializado para alunos com necessidades educacionais especiais, por meio do desenvolvimento de estratégias de aprendizagem, centradas em um novo fazer pedagógico que favoreça a construção de conhecimentos pelos alunos, subsidiando-os para que desenvolvam o currículo e participem da vida escolar (MEC/SEE, 2006, p. 13).

Nessa perspectiva de implantação e de expectativa de sucesso, a Secretaria de Educação Especial a partir de 2005 tem feito investimentos para o AEE, proporcionando equipamentos, mobiliários e materiais didático-pedagógicos e de acessibilidade para a organização da Sala de Recursos Multifuncional (SRM), também tem surgido diversas discussões sobre as atribuições

e a formação dos professores do AEE, sendo que cursos de capacitação e de aperfeiçoamento estão sendo oferecidos e requisitados.

2.3 Aportes legais

Com a Constituição de 1988 observa-se um olhar diferenciado para as pessoas com deficiência, fato esse comprovado por uma série de documentos legais que o Brasil criou ou tornou-se signatário, em 1994 na conferência mundial em Salamanca na Espanha reafirmaram o compromisso para a educação para todos, reconhecendo a necessidade e urgência de pôr à disposição educação para crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino. É relevante ressaltar que a uma urgência de informações e treinamento para os pais, uma tarefa a ser dividida para que assim os mesmos possam trabalhar junto com os profissionais, para que estas crianças tenham uma educação digna na escola e uma boa comunicação com os pais em casa.

A lei de diretrizes e bases da educação Nacional – Lei nº 9.394/96, no artigo 59, assegura métodos, recursos específicos para atender a necessidades, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados.

Em 1990 na conferência mundial sobre Educação para todos reunidos em Jomtien na Tailândia, relembra que a educação é um direito fundamental de todos, mulheres e homens, de todas as idades, no mundo inteiro. Artigo 4º objetivo último da declaração mundial sobre educação para todos é satisfazer as necessidades básicas da aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos. Artigo 20, A pré- condições para a qualidade, equidade e eficácia da educação são construídas na primeira infância, sendo os cuidados básicos e as atividades de desenvolvimento educação infantil condições essenciais para objetivo da educação básica.

O reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda, por meio da Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002, que define como sendo um “sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” e posteriormente regulamentada pelo Decreto 5.626/05 definindo os critérios para uma inclusão mais efetiva dos alunos surdos, a inclusão das Libras como disciplina curricular, a formação e a certificação de professor e instrutor e tradutor/interprete de Libras, o ensino da língua Portuguesa como segunda língua para os alunos surdos e a organização da educação bilíngue no ensino regula.

O decreto 5.296/04 regulamentou as leis nº 10.048/00 e nº 10.098/00 estabelecendo normas e critérios para a promoção da acessibilidade as pessoas com modalidade reduzida, o programa Brasil acessível é implementado com o objetivo de promover apoiar o desenvolvimento de ações que garantam a acessibilidade as pessoas com deficiência, inclusive aos surdos.

A política nacional de Educação Especial na perspectiva da educação Inclusiva tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos, com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientado os sistemas de ensino para garantir, acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino, transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior, oferta do atendimento educacional e demais profissionais da educação para inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

Desde a publicação da lei 12.319/10, a demanda por Intérpretes de Língua de Sinais - ILS nas escolas vem crescendo. Contudo o cumprimento dessa lei vem sendo impedido, no caso do pré-escolar Santa Terezinha o município tem somente um interprete, o mesmo trabalha com duas crianças surdas ficando as mesmas prejudicadas, pois, o Interprete tem que se dividir para oferecer atendimento a essas crianças. O ILS é aquele profissional que realiza a mediação da comunicação entre pessoas ouvintes e os surdos, De acordo com (LACERDA; SANTOS; CAETANO, 2018). Embora a função do ILS seja a tradução de uma língua para ilustra, torna-se inviável pensar na sua atuação somente são esse aspecto, pois conforme Lacerda afirma, ele tem uma relação estreita cotidiana com os alunos surdos, e por esse motivo, não pode simplesmente interpreta sem importar com a compreensão e o aprendizado deles.

3 AS DESCOBERTAS DE PESQUISAS BRASILEIRAS

De acordo com Minguete (1998) o ensino e aprendizagem antes concebidos como atos isolados são redescobertos como faces de um processo que possibilita a existência de experiências significativas para quem o vivencia. Segundo Vygotsky (1976, p. 78), a relação professor-aluno não deve ser uma relação de imposição, mas sim, uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento, no qual o aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento. Assumindo o educador um papel fundamental nesse processo, como um indivíduo mais experiente. Por essa razão cabe ao professor considerar também, o que o aluno já sabe sua bagagem cultural e intelectual, para a construção da aprendizagem. Para Freire o professor age como quem deposita conhecimento num aluno apenas receptivo, dócil. Em outras palavras, o saber é visto como uma doação dos que se julgam seus detentores. Trata-se, para Freire, de uma escola alienante, mas não menos ideologizada do que a que ele propunha para despertar a consciência dos oprimidos.

De acordo Lacerda; Santos; Caetano, (2018), se o professor não assumir práticas que favoreçam a atuação do ILS conseqüentemente a compreensão do aluno surdo ficará comprometida para desenvolver práticas acadêmicas acessíveis, é necessário, antes de qualquer adaptação curricular, que haja parceria entre professor e ILS. Ainda dentro dessa mesma perspectiva, o interprete sente-se como total responsável pelo aprendizado dessas crianças. Os mesmos, afirma que neste caso, faz necessária uma mudança de postura por parte do professor, que também tem como dever, como educador, de auxiliar o ILS em suas práticas.

Em sua pesquisa realizada no estado de Santa Catarina, Quadros (2000) pontua que “professores interpretes” na sua grande maioria sem a devida qualificação, são profissionais que assumem a função durante todo o período sem intervalos. Fato esse também percebido pelas pesquisadoras Lacerda; Santos e Caetano (2018), pois de acordo com elas ainda são escassas ou mesmo inexistente as formações específicas para interpretes educacionais. No entanto, o argumento é que mesmo com os avanços significativos no âmbito pedagógico, se faz necessário mencionar que ainda existem muitos impasses na formação para ILS.

A maioria dos professores que passaram a atuar como “professores intérpretes” sente-se constrangida em se assumir como tal, pois reconhecem suas limitações em relação á língua de sinais. Somente são ofertados cursos de curta duração sendo que a língua de sinais é segunda língua para professores e interpretes. (LACERDA; SANTOS; CAETANO, 2018, 105).

A partir dessa reflexão, podemos concluir que o modelo de educação para pessoas surdas, está longe de se tornar uma educação adequada ao revistar o Decreto: 5.626/05 que regulamenta a lei 10.436 Art. 22, observamos direitos que não são cumpridos:

I - Escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.

§ 2º Os alunos têm o direito à escolarização em um turno diferenciado ao do atendimento educacional especializado para o desenvolvimento de complementação curricular, com utilização de equipamentos e tecnologias de informação. Essa é a escola que o sistema permite, está longe de se tornar convergente. (BRASIL, 2005)

Em uma pesquisa realizada em quatro escolas municipais de educação especial de São Paulo, e de duas escolas filantrópicas do interior de São Paulo organizadas por Capovilla; Viggiano; Marcia (2004), as autoras apontam que dos 505, 400 estudavam em escolas especiais para surdos, 80 em classes regulares de escolas regulares e 25 em classes especiais. Essas últimas 105 crianças não recebiam ensino em Libras, mas apenas ensino comum em português, e tinham pouca oportunidade em contato com a Libras e a comunidade surda.

Ainda nesta mesma linha os textos produzidos pelos alunos em sinais e literatura geral em sinais são fontes essenciais para o desenvolvimento desse processo. Essas produções são arquivadas através de uma videoteca, pois tal recurso é fundamental para avaliação das produções de outras pessoas, bem como das próprias produções. Esse processo de avaliação deve ser internacional e constante criativo. (QUADROS, 2000, p. 59)

Discute-se muito que sala de aula deve ser um lugar que permita que o aluno estabeleça relações com aquilo que é vivido fora dela os conteúdos a serem trabalhados, apoiando-os os quando possível filmes, textos de literaturas, manchetes de jornais, programas de televisivos, de modo a tornar a aprendizagem significativa se estas estratégias auxiliam os alunos ouvinte a uma melhor compreensão dos temas trabalhados. Segundo as autoras para alunos surdos elas são ainda mais imprescindíveis, uma vez que eles tiveram pouco interlocutores, poucas oportunidades de trocas e de debates (...). (LARCEDA; SANTOS; CATEANO, 2018, p. 89).

É neste sentido que as autoras retratam que se torna uma grande preocupação ao encontrar ideias eficazes para desenvolver o ensino dos alunos surdos, e em estabelecer um modelo de escola pautado em suas vertentes educacionais.

Contudo, poucas são as produções teórico-metodológicas relacionadas á pedagogia visual na área da surdez e por isso se constitui como um novo campo de estudos que pode colaborar para uma educação a beneficiar não apenas o sujeito surdo, mas para ampliar as possibilidades de aprendizagem para todos. Essa estratégia da visualidade precisa, na educação de surdos perpassar pela elaboração do currículo, pelas estratégias didáticas pela organização das disciplinas, com envolvimento de elementos da cultura artística, [...]. Além do aproveitamento dos recursos de informática, fortemente visuais, favorecendo assim, uma valorização da concepção de mundo construído por meio da subjetividade e da objetividade com as “experiências visuais” dos alunos surdos. (LACERDA; SANTOS, 2018, p. 93)

Contudo, nos últimos anos, tem sido desenvolvida reformulação pedagógica acerca de metodologias para surdos dentro das instituições escolares, com interesse de suprir as necessidades dos alunos surdos em sala de aula. O currículo pedagógico para alunos surdos, muitas das vezes não leva em consideração a primeira língua desse aluno língua de sinais, seu valor, o que torna conflituoso, pois o sistema oprime. É o que argumenta Lacerda e Santos: Nesse caso, faz-se necessária uma mudança de postura por parte do professor, que também tem dever como educador de auxiliar o ILS em suas práticas.

Pensar estratégias que venham favorecer o acesso do aluno surdo aos conteúdos de sala de aula é de suma relevância, levando em consideração que os recursos utilizados para os considerados alunos ouvintes na maioria das vezes não dialogaram com a realidade dos alunos surdos. A escola está presa ao texto didático ficando como principal ferramenta de aprendizagem.

(...) Leitura de imagens poderiam ser bem exploradas pela escola, na busca da construção de sentidos. Assim um elemento imagético uma maquete um desenho, um mapa, um gráfico, uma fotografia, um vídeo, um pequeno trecho de um livro, poderia ser um material útil á apresentação de um tema ou conteúdo pelos professores de ciências, física, biologia, história, matemática, inglês entre outros. (LACERDA; SANTOS; CAETANO, 2018, p. 92).

Entretanto é necessário ressaltar alguns aspectos que tem impedido que esses alunos tenham um estudo digno: falta de profissionais devidamente qualificados na área de Libras maioria dos casos somente são ofertados minicursos para que este profissional tenha um conhecimento do que seja a mesma, carência de matérias adequados para trabalhar com esses alunos, pedagogia didática para professores regentes como trabalhar com aluno surdo.

Lacerda, (2018) na sua totalidade, encontramos razão, sentimentos, emoções, desejos fruto das relações interpessoais existências da própria vida, “se a escola não atender para a metodologia utilizada e currículo proposto, as práticas acadêmicas podem ser bastantes inacessíveis ao aluno, apesar da presença do interprete”.

Contudo o cumprimento dessa lei vem sendo impedido pela carência de materiais instrumentais que permitem ministrar o ensino bilíngue baseado nas Libras e de instrumentos de avaliação que permitam acompanhar o desenvolvimento da linguagem escrita e de sinais.

São necessários instrumentos de avaliação suficientemente válidos e precisos para revelar essas normas e os processos cognitivos a elas subjacentes, bem como procedimentos de intervenção educacional suficientemente eficaz para aperfeiçoar os processos de aprendizagem, e maximizar as chances de sucesso da população surda do mundo que é também um mundo letrado. (CAPOVILLA; VIGGIANO; MARCIA p. 167, 2004)

Dessa forma os estudos entre duas línguas, “Língua portuguesa e Língua brasileira de sinais”, da comunidade surda vem sendo objetivo de ação e pesquisa entre pesquisadores e professores, através da realização de algumas atividades, envolvendo não somente professores regentes, mas também instituição escolar como forma de valorização e reconhecimento da Libras. A lei Federal 10.436, decretada pelo congresso nacional, que oficializa a Libras em todo território nacional. Essa lei reconhece a Libras como meio legal de comunicação das comunidades de pessoas surdas do Brasil. (CAPOVILLA; VIGGIANO; MARCIA, 2004, p.159).

No espaço sala de aula, com crianças ouvintes com desenvolvimento normal e o aluno surdo necessidade auditiva fica evidente que, produzirá diversos saberes dos quais deveriam produzir amparo ao conhecimento escolar, para construir seu currículo escolar diferenciado, espaço aonde ensina e se aprende de acordo com as necessidades dos alunos, saberes e práticas comunicativas construídas e conhecimento escolar, os primeiros currículos produzirão origem aos segundos. Saberes escolares/saberes comunicáveis, na qual modificará a pratica corriqueira do currículo, produzindo práticas diversificadas tanto para alunos ouvintes consideradas normais, quanto aos alunos com surdez.

Para Goldfeld:

A questão principal para o bilinguismo e a surdez e não surdez, ou seja, os estudos preocupam entender os surdos, suas particularidades, sua língua (a língua de sinais) sua cultura e a forma singular de pensar e agir etc. E não apenas os aspectos biológicos ligados a surdez. (GOLDFELD, 2002, p.43)

Como saber se os mínimos conteúdos abordados em sala de aula estão sendo aprendido, como identificar se o aluno obteve êxito nos conteúdos ministrados naquele dia será. Sem querer responder essas questões, mas é de suma importância refletir sobre as mesmas. Sendo assim é relevante repensar a didática do professor regente, nos dias que não há acompanhamento do interprete em sala de aula.

Ao colocar o aprendizado da língua oral como o objetivo principal na educação dos surdos, muitos outros aspectos importantes para o desenvolvimento infantil são deixados de lado. Apenas profissionais que igualam o conceito de língua oral com o conceito de linguagem podem acreditar que os anos que a criança surda sobre atraso de linguagem e bloqueio de comunicação (o que é inevitável quando lhe oferecem apenas a língua oral como recurso comunicativo). (...) E se analisarmos sua importância na construção do indivíduo, como ferramenta do pensamento e como forma eficaz de transmitir informações e cultura perceberemos que aprender a ferramenta (oralizar) por meio de um processo que leva tantos anos é muito pouco em relação às necessidades que a criança surda, ou como qualquer outra, criança tem. (GOLDFELD, 2002, p.38)

Tendo em vista os aspectos apresentados poderemos identificar quais as melhores práticas pedagógicas, as que funcionaram e investigá-las e tentar excluir as práticas pedagógicas utilizadas que o aluno não se sente inserido de forma a moldá-las para que o mesmo seja inserido. Segundo Góes:

Fontes importantes de constituição das ideias desses alunos estão certamente ligadas a experiência escolar anterior. Sua escolarização inicial foi marcada pela orientação oralista, em que o treino da fala e o ensino da escrita eram impregnados de uma visão de trabalho com “palavras”, que eram destacadas, repetidas, dominadas isoladamente, para depois serem combinadas em frases. (GÓES, 1999, p.24).

Sendo assim entender como ocorrem as abordagens pedagógicas no processo educativo dos alunos com necessidades auditivas a fim de mapear dificuldades, necessidades e possibilidades dos alunos com surdez.

A aprendizagem pode ser definida como um processo de aquisição de novos conhecimentos através de experiências vivenciadas e determinadas por fatores endógenos [internos] e exógenos [externos] que resultam na modificação do comportamento humano e que dependem de condições essenciais, tais como: mentais, físicas, sensoriais e sociais para se desenvolverem. A aprendizagem é um dos temas mais estudados pela Psicologia da Educação, pois praticamente todo comportamento e todo conhecimento humanos são aprendidos (NETTO; COSTA, 2017, p. 216).

3.1 Abordagens com alunos surdos: reflexões na perspectiva construtivista

Em sentido diverso, para o construtivismo, a aprendizagem é o resultado de um processo de desenvolvimento e maturação, sendo marcado pela sucessão de vários estágios cuja passagem é obrigatória (i.e., não se podem “queimar” etapas).

Para Piaget, (1999) a aprendizagem só pode ocorrer mediante a consolidação das estruturas de pensamento, sendo que a passagem de um estágio para outro implica na consolidação e superação do estágio anterior.

Para Wallon (2007), a aprendizagem está relacionada com o desenvolvimento do indivíduo como uma unidade afetiva e cognitiva. Esta é realizada pela sucessão de diversas etapas e conflitos ao longo da vida, sendo a linguagem e a cultura os instrumentos que fornecem ao pensamento as ferramentas necessárias à sua evolução, a qual não depende somente do amadurecimento intelectual, mas também de outras habilidades.

Para Vygotsky (1998), a aprendizagem inclui o lado das relações interpessoais. Para ele não há um desenvolvimento pronto e previsto dentro de cada indivíduo, sendo este antes o resultado de um processo complexo onde estão presentes a maturação do organismo, o contacto com a cultura produzida pela humanidade, e as relações sociais que permitem essa mesma aprendizagem. Na verdade, estes três autores se complementam entre si, dando uma dimensão cognitiva, afetiva e social à aprendizagem humana.

Quadros (2000) relata sobre instrumentos no processo de alfabetização em língua de sinais. A comunidade surda tem como característica a produção de estórias espontâneas de contos e piadas que passam de geração em geração relatadas por contadores de estórias em encontros informais, normalmente em associações de surdos. Infelizmente nunca houve preocupação de registrar tais produções. Pensando na alfabetização, tal material é fundamental para esse processo se estabelecer. A produção de contos de contadores de estórias, de estórias espontâneas e de contos que passam de geração a geração, são exemplos de leituras em sinais que precisam fazer parte do processo de alfabetização de crianças surdas [...] Aos bancos escolares devem se preocupar com tal produção, bem como incentivar seu desenvolvimento e registro. O que os alunos produzem hoje espontaneamente pode se transformar em fonte de inspiração para os alunos de amanhã.

E é neste sentido que irei apresentar o estágio de desenvolvimento proximal de Vygotsky (ZDP). Este conceito relaciona-se com a diferença entre o que a criança consegue realizar sozinha (Zona de Desenvolvimento Real) e aquilo que ela é capaz de aprender e fazer com a ajuda de uma pessoa mais experiente (Zona de Desenvolvimento Potencial), representado por um adulto, uma criança mais velha ou por alguém com maior facilidade de aprendizagem é, portanto, tudo o que a criança pode adquirir em termos intelectuais quando lhe é dado o suporte educacional devido.

Este conceito será posteriormente desenvolvido por Jerome Bruner (1915 – †2016), o qual irá usar o conceito de espiral, posteriormente também utilizado por Keith Swanwick, na sua proposta de currículo (MACOS) para o sistema educacional, desenvolvida entre 1964 e 1996. Outra contribuição de Vygotsky, de grande importância, foi o estudo da relação entre pensamento e linguagem, em que cada uma é condição e função simultânea da outra.

Contudo muitos são os desafios encontrados, sobre abordagens para surdos na fase pré-escolar, um deles são a falta de materiais adequados para trabalhar com aluno surdo, falta de profissionais devidamente qualificados na área de língua de sinais, muitos professores não tiveram língua Brasileira de Sinais em seu processo de graduação, muitas famílias não reconhecem os direitos que seus filhos surdos, a maioria das famílias não reconhecem Língua Brasileira de Sinais.

Entretanto adentrar os muros do pré-escolar Santa Terezinha me possibilitou uma maior possibilidade dos desafios já enfrentados no decorrer do meu processo de formação procurando entender quais as dificuldades dos profissionais e instituição, enfrentam com novas demandas e lidar com velhos problemas.

3.2 Situações da vida escolar de Luiz Otávio

Neste capítulo trabalharemos as situações da vida escolar de um aluno surdo evidenciando a estrutura do ambiente escolar, o cotidiano, o trabalho da escola, buscando refletir sobre a concepção de abordagens pedagógicas que a mesma trabalha com as crianças com necessidades auditivas. Realizamos observações e entrevistas com o interprete, o professor regente em sala de aula e a mãe o aluno. O interprete atua na escola somente duas vezes na semana nas quintas-feiras e sexta-feira, os demais dias fica somente com professor regente em sala de aula.

3.3 O ambiente escolar e o aluno surdo

O Bairro Alto Bonito é conhecido por ser um dos bairros mais antigos da cidade de Tocantinópolis – TO e pensando na melhoria da educação para os habitantes foi fundado o pré-escolar Santa Terezinha. Como a escola não tem registro histórico em seus documentos, foi realizado uma pesquisa com a comunidade para conhecer um pouco a sua história.

De acordo com as entrevistas realizadas, esta instituição surgiu a partir da iniciativa de uma freira chama irmã Rita Rosa Khatarina Almam, que vinha da Alemanha e tinha como propósito fundar uma escola de educação infantil, e conhecendo a necessidade da comunidade do bairro Alto Bonito, resolveu fundar o Pré- escolar Santa Terezinha para atender as crianças de 2 a 6 anos de idade.

A primeira sede da escola ficava localizada na Rua Alfredo Nasser s/nº próximo à beira rio no Porto Bonito, este prédio tinha 02 salas de aula, 01 cantina e 01 sala para guardar os

brinquedos doados pela freira, as que trabalhavam com a irmã Rita Rosa Khatarina Altam eram voluntários e também ajudavam na doação de lanches as crianças eram vendidos em dois turnos.

Vale ressaltar que a irmã Rita com a venda dos brinquedos trazidos da Alemanha comprava lanches para ser oferecidos para as crianças, pois só havia estas fontes de recursos financeiros: a doação dos funcionários e o que a irmã conseguia com a venda dos brinquedos.

No ano de 1982, na gestão do prefeito José Sabóia a Escola deixou de ser comunitária e passou a ser uma pré-escolar Municipal composto por cinco, funcionários a saber. Diretora Walderice Santos Silva, professora Lucia Gomes do Nascimento e Lourey de Oliveira, merendeira Raimunda Gomes da silva e o vigia Deusdete Araújo.

Com a justificativa de que o local não era apropriado para exercer tal função, em julho de 2000 a Escola foi transferida para rua Israel pinheiro s/nº, próximo a escola Wafredo Campos Maia. Em 09 de janeiro de 2015 a escola recebeu do município uma nova instalação, ou seja, o prédio onde funcionava a Escola Municipal Walfredo Campos Maia passou a ser pré-escolar Santa Terezinha localizada no perímetro urbano do município de Tocantinópolis, bairro Alto bonito, na Rua Alcides Miranda s/nº.

O público alvo da escola são turmas de Jardim II, ou seja, crianças de 5 anos de idade ou a completar até 31 de março do ano em curso. A escola está identificada como: pré-escolar Santa Terezinha. Atualmente está localizada na cidade de Tocantinópolis - TO, no Alto Bonito, na Rua Alcides Miranda s/nº. A atual Coordenação pedagógica está a cargo de Marly Pereira Monteiro Fonseca.

A Estrutura física do pré-escolar Santa Terezinha conta com 4 salas de aula, 1 sala para secretaria, 1 sala para direção/coordenação, 1 cantina, 1 pátio aberto, 1 pátio para recreação, 1 banheiro para funcionário sendo um feminino e outro masculino, 1 sala de vídeo/brinquedoteca, 11 sala de planejamento dos professores, 4 banheiros adaptados para alunos. As informações acima descritas foram retiradas do Projeto Pedagógico da Escola. Ditas estas informações, passemos para a parte de observação realizada.

A pesquisa de campo visou conhecer o desenvolvimento da alfabetização do aluno surdo Luiz Ótávio Campos Martins Reis no Pré escolar Santa Terezinha, Jardim II na cidade de Tocantinópolis - TO. Para esta pesquisa foram entrevistados o professor regente do aluno, o interprete em Libras e a mãe da criança, assim permitindo meios que serviram de investigação para resolver os problemas elaborados por esta investigação.

Sendo assim é pertinente trazer o conceito de inclusão e o que seria uma escola inclusiva! Traz uma concepção de adeptos de modo que a visão desta e que a um modelo rico de metodologias para alunos ouvintes e alunos surdos, é uma escola que não tolera preconceitos,

cria possibilidades de receber qualquer criança. E o modelo de escola bilíngue deve adquirir como língua materna a língua de sinais que é a língua das pessoas surdas, e como segunda língua, à língua oficial de seu país, autores como Sanches (1993) acreditam ser necessário para o aluno surdo adquirir a língua de sinais e a língua oficial de seus país, apenas na modalidade escrita e não na oral.

Atualmente, o bilinguismo está ocupando um grande espaço no cenário científico mundial, Nos EUA, Canadá, Suécia, Venezuela, Israel, entre outros países, existem diversas universidades pesquisando a surdez e a língua de sinais sob óptica da filosofia bilíngue. (GOLDFELD, 2002, p. 43)

O pré-escolar Santa Terezinha recebe o aluno surdo, contudo a muitas falhas na didática para com o mesmo, as atividades não adaptadas em línguas de sinais, o professor regente desconhece língua de sinais, é somente oferecido o interprete duas vezes na semana para o aluno com surdez, ficando a criança no momento das atividades excluído, e quando falamos em escola inclusiva logo fica evidente exclusão que tem nesta instituição fica evidente que infelizmente o modelo de escola inclusiva está em leis e decretos que não passam de documentos formais, e está longe de se torna uma escola adequada para receber qualquer criança.

A estrutura de ensino está montada para receber um aluno ideal, com suposto padrões de desenvolvimento emocional e cognitivo, esperando comportamentos um plano previsibilidade. As dificuldades emergem no cotidiano escolar através de problemas de aprendizagem ou dos comportamentos “inesperados”. Parece que a escola e sua comunidade não estão preparados para acolher um aluno mais diferenciado, podendo acontecer de, no ensino regulador, a inclusão por força de lei ser mais desastrosa do que se possa prever. A educação inclusiva passa pelo projeto pedagógico das escolas, da formação continuada dos e mudanças estruturais, havendo muito para se fazer, e o modo de condução desse processo tem efeitos diretos sobre seus resultados. (FERRAZ, 2006, p. 11)

O estatuto da pessoa com deficiência lei 13.146/2015 Art. 3º IV barreiras; qualquer entrave, obstáculo atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bom como o gozo, fruição e o exercício de seus direitos e acessibilidade, a liberdade de movimento, e da expressão, comunicação, ao acesso à informação, compressão a circulação com segurança entre outros É direito que garante a pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida viver de forma independente e exercer seus direitos a cidadania e de participação social. Segundo (BATISTA; MANTOAN, 2005, p. 8) A escola especial foi criada para substituir a escola comum no atendimento a alunos com deficiência, assumindo o compromisso da escola comum, sem uma definição clara de seu próprio. É importante esclarecer que houve um tempo em que entendia que esses alunos não eram capazes de arcar com o compromisso

primordial da escola comum de serem introduzidos no mundo social, cultural e científico, a não ser em condições muito específicas e fora dessa escola.

Para esta pesquisa foram realizadas 4 (quatro) observações em sala com a presença do interprete e três observações com professor regente.

No dia 26/09/2019 adentrei ao pré-escolar Santa Terezinha, a primeira observação com presença dos dois profissionais em sala. O professor iniciou a aula com desenhos infantis em seu aparelho celular.

A princípio percebo que é uma turma bastante agitada, a todo o momento professor pede que os alunos silêncio, na verdade o mesmo usa o termo “calem a boca.” Logo professor inicia chamada percebo que professor chamou o nome de todos os alunos, menos o do aluno surdo. O professor inicia falando sobre órgãos dos sentidos, as crianças passaram a semana trabalhando, sobre os mesmos que são eles: audição, olfato, visão, tato e paladar, logo percebo, que o professor não se preocupa com aluno surdo quando fala da “audição” age naturalmente não preocupa-se com aluno surdo nenhum momento não dá exemplo do aluno surdo, ou seja que a sua língua da criança é Visio - gestual e segue a aula.

Toda a aula é executada em língua de sinais, o interprete fica sempre ao lado do aluno, interprete diz que sempre tem que estar bem perto se não a criança fica dispersa, mesmo assim ele tira a atenção do interprete a todo momento. O professor passa uma atividade para pintar, durante semana as crianças pintarão um órgão do sentido hoje iriam pintar a boca como forma de representar o paladar. O professor interprete fala pra criança para fazer seu nome, a criança não sabe fazer, o interprete faz o nome da criança a lápis para que ele pudesse cobrir, depois mostra qual a cor é pra ele pintar “vermelho”. A criança pede para sair da sala todo momento, faz sinal de “beber água” depois que a criança termina a atividade, o interprete faz um exercício durante 5 minutos perguntando as cores em língua de sinais, e alguns cores ele conhece, outras ele faz sinal que não lembra, que não sabe.

No intervalo, há pouca interação das crianças com aluno surdo, ele brinca a maioria do tempo sozinho, após o intervalo a criança foi pra sala de recursos professor interprete instiga o aluno a fazer os sinais do alfabeto, a criança conhece 50% das letras, quanto ele erra os sinais pergunta uma ou duas vezes e quando a criança não consegue lembrar o professor interprete com toda paciência ensina o sinal. Depois pega os números e pede que o mesmo repita em sinais, a criança conhece todos os números, depois o professor interprete pega ilustrações de uns animais e começa a perguntar, nesta o aluno conheceu 50% dos animais neste segundo momento da aula ele ficou até chegar a hora de ir pra casa na sala de recursos.

Na segunda observação também foi com presença do interprete no dia 27/09/2019. O professor regente sempre inicia as aulas com desenhos utilizando seu aparelho celular. O professor faz a chamada novamente e não chama a criança só coloca presença, sempre nas sextas-feiras tem momento cívico onde cada turma apresenta o que foi trabalhado durante a semana.

A turma jardim II, a qual estou observando, as crianças apresentam sobre os meios de transportes que são eles: aéreo, terrestre, aquático e sobre os cinco órgãos do sentido, professor chamada cada criança e fala sobre a importância de cada órgão para funcionamento do corpo, quando chega no órgão da audição o professor chama a criança surda. O professor pede que as demais crianças cantem e gritem. Ele fala as seguintes expressões: Para Luiz Otávio tanto faz ele não escuta ele vê que vocês estão abrindo a boca, mas não ouve o que estão dizendo”.

Neste momento senti uma profunda tristeza, quando o mesmo utiliza esses termos. No momento cívico há muita dispersão por parte das crianças, conversas paralelas, tiram foco das apresentações. O interprete chama a atenção da criança todo momento, o professor interprete muda várias vezes de posição para chamar atenção do aluno surdo, as atividades são executadas em língua de sinais. Após o momento cívico cada turma desloca-se para suas salas. O professor regente passa uma atividade: “quais animais podemos ter em casa e no sítio”. A atividade é para marcar um (x), o interprete pega a atividade da criança e novamente faz a lápis o seu nome para que ele cobrisse, depois explica atividade para criança, o interprete começa a perguntar o nome de cada animal, alguns ele não sabe, o interprete faz o sinal dos animais que ele não lembra o aluno conclui toda atividade.

No dia 30/09/2019 observação com presença do professor regente, neste dia a criança não teve acompanhamento do interprete, o professor inicia aula com desenhos infantis em seu aparelho celular. O professor comunicava-se com aluno apontando para objetos, tentando entendê-lo. O professor não teve Língua de Sinais em sua graduação. As demais crianças consideradas “ouvintes” comunicam-se com criança surda apontando para objetos e através de mímicas.

Há um aluno chamado “Helio”, que é um aluno de difícil convivência com as demais crianças considerados “ouvintes”, mas não implica com aluno surdo está sempre perto do aluno surdo puxando assunto faz mímicas tenta entender, ele gosta de sair da sala a todo momento, neste momento o professor pergunta: “Hélio você entende o que Luiz Otávio diz?” A criança responde: “Não”!

O Professor nunca chama o nome do aluno ao fazer a chamada, apenas coloca presença. O Professor pergunta as crianças o que fizeram de interessante no final de semana, todos

começam a responder ao mesmo tempo. “o aluno surdo fica só olhando de um lado para o outro não sabe o que estão falando”.

A aula é de REVISÃO das palavras que inicia com a letra (F) o professor pede que as crianças repete as palavras (FACA, FACE, FADIGA, FALSO, FALTA, FADA). O aluno surdo fica tempo todo brincando no seu canto, com lápis de cor, o professor não fala nada, não se comunica com aluno ministra sua aula naturalmente como se a criança não estivesse em sala de aula, mais chama atenção quando outra criança ouvinte não está prestando atenção.

O aluno surdo começa a levantar-se, fez barulho, derrubou lápis no chão. O professor foi até mesa do aluno faz gesto que “não pode”! A criança levantou e saiu da sala. O professor selecionou alguns alunos para ir ao quadro fazer repetição dos nomes com letra F, selecionados a cima, chamou 4 quatro crianças e a criança surda ficou só observando, o mesmo levanta e faz sinal que quer ir ao quadro, o professor faz sinal para criança pra sentar no lugar dele.

A criança vai triste à sua cadeira, fica olhando outro aluno fazer a atividade, a mesma começa a caminhar pela sala, chama atenção do professor, o aluno surdo vai ao quadro novamente e faz sinal que quer fazer. Professor sorri e diz “você não sabe fazer”. Em sala há um auxiliar do professor, o mesmo diz: “Pedro! Deixa-o fazer”! O professor dá a oportunidade à criança. Ele inicia a atividade, faz tudo como está no quadro até a separação de uma palavra para outra, somente a letra S, ele faz um (6), o professor auxilia, a criança pula de felicidade, sorri ao ver que conseguiu. O professor também fica muito contente tira foto e faz vídeo com o celular.

Ao terminar este momento o professor entrega uma atividade, mas não dá para o aluno surdo, o mesmo vai até o professor e pede a atividade, o professor usa a expressão: “ah, ta, falta você”. Depois, o professor começa a entregar o crachá com os nomes dos alunos, para que primeiramente escrevam seus nomes. O professor diz “deixa, eu entregar o crachá do Luís Otávio para ele ficar quieto”, a criança faz o seu nome esquece algumas letras faz aleatoriamente, pois não tem auxílio do professor, o aluno vai até a minha mesa e pergunta se está certo, neste momento eu auxílio o aluno a fazer o nome na atividade.

Após terminar de fazer o nome a criança fica inquieta, não sabe o que está escrito na atividade, mas quer fazer, vai atrás do professor e o mesmo pede para criança sentar que depois passaria lá, o mesmo vai até mesa de outra criança e passa de cadeira em cadeira, e vai até o aluno surdo. A tarefa é para contar os objetos e colocar a numeração, a criança faz aleatoriamente, vira pra mim pergunta se está certa eu faço sinal de “legal” o professor não auxilia o aluno, a criança vai até professore o mesmo diz a diz para criança pintar aos desenhos. E as demais crianças tentam responder a atividade.

No intervalo, a criança fica a maioria do tempo sozinho com seu brinquedo. Na escola tem um brinquedo, um “carrinho de cor verde” que, fica guardado somente para a criança surda. Segundo os profissionais, ele só gosta daquele brinquedo e se ele não ficar com ele fica muito irritado.

Após o intervalo professor vai ao quadro e juntamente com as crianças responde a atividade, depois passa nas cadeiras dos alunos, mas não passa na cadeira da criança surda. O mesmo olha para os lados e guarda atividade começa a brincar, sai da sala fica mais de 20 minutos fora. Parece que o professor nem sentiu falta dele. O aluno retorna para a sala e sai novamente, fica a maioria do tempo fora da sala, quando retorna professor faz sinal diz pra ele pintar os desenhos que estão na atividade, depois os professores continuam explicando atividade para as demais crianças.

Após terminar de responder a atividade com as demais crianças, o professor vai até o aluno surdo e olha sua atividade diz que está bonito, o professor vai até a minha mesa e diz “ele sabe colorir bem, olha ai, ele pinta melhor que as outras crianças”.

No dia 01/10/2019 segunda observação com professor regente, aula sempre inicia com desenhos infantis segundo o professor “acalma as crianças”. O responsável por imprimir as tarefas dos alunos faltou neste dia. O professor já começa a ficar inquieto e diz o dia vai ser bem agitado. O professor pergunta se as crianças querem sentar no chão, para assistir o desenho e eles dizem que sim! Outro grupo, (umas três) crianças montam uma brincadeira, o aluno surdo entra na roda e faz sinal dizendo que quer brincar, o Hélio a criança que é de difícil convívio com as demais, mas se dá muito bem com aluno surdo ensina como é a brincadeira ele se dá muito bem na brincadeira, fica feliz, sorri. O professor tem que sair da sala para imprimir as atividades e pede para que eu fique olhando os alunos.

O professor retorna e começa a fazer a chamada, e mais uma vez não chama o nome do aluno surdo, somente dá presença. A atividade do dia é de português. O professor passa nas cadeiras entregando, mas não entrega do aluno surdo, a criança vai até o professor faz, o sinal pedindo sua atividade “o mesmo usa a expressão a eu tinha esquecido”. A impressão que fica é de que o aluno surdo sempre fica excluído, fica por último, o aluno que procura o professor a todo o momento. O professor entrega o crachá somente para os alunos que não sabem fazer seu nome sem olhar para o mesmo. O aluno surdo faz o seu nome no local que seria nome da escola, e ao tentar fazer seu nome falta algumas letras, ele vai até professor faz sinal perguntando se está certa, o mesmo responde diz que está “bom” e diz a criança para pintar a atividade.

O professor auxilia as demais crianças, até mesmo os que têm mais dificuldade, mas não auxilia o aluno surdo. A impressão é de que o professor não se sente responsável pelo aluno

surdo, depois que todos fizeram seus nomes o professor pede que “as crianças ouvintes” olhem para parede, onde tem as letras do alfabeto, e que os mesmos repitam as letras em voz alta o aluno surdo acompanha observando pros demais alunos. A expressão dá criança é que não sabe o que está acontecendo, sai da sala passa uns 15 minutos fora, professor parece não sentir a falta dele, mas na hora que sai uma criança considerada “ouvinte” se passar muito tempo fora ele vai atrás e diz “você tem de prestar atenção na atividade passa para dentro da sala, depois não sabe de nada”.

No dia 03/10/2019 é dia do professor interprete estar em sala, o mesmo diz que este primeiro momento a criança vai pra sala de recurso, pois como a criança só tem acompanhamento duas vezes na semana tem muitas atividades atrasadas do decorrer da semana. Percebo que o aluno não está disposto professor usa a expressão “o Luiz está com preguiça hoje”. O professor liga seu celular e coloca o hino nacional em Libras, depois coloca uns desenhos em língua de sinais Libras, segundo o interprete para estimular a criança a fazer as atividades O professor regente entra na sala e entrega a atividade ao interprete que será passada em sala de aula, ele utiliza a palavra “mais uma” e sorrir. Após a criança assistir os desenhos, o professor começa a conversar com aluno em língua de sinais, perguntando nome dos objetos que tem na sala: cadeira, mesa, porta. Alfabeto, as cores que estão na parede tudo que há na sala, o aluno erra a maioria das perguntas, professor fala: “Ano passado o Luíz sabia tudo isso, respondia com toda facilidade hoje encontra-se assim: desconhece muitos objetos coisas, animais (...)”

O professor me chama e diz, “irei fazer um exercício com ele em todos os locais da escola perguntar o nome dos objetos”, começamos pela cantina pegou parto, colhe panela e perguntava o nome uns acertava outros trocava no nome, saindo dali fomos aos demais lugares da escola e professor perguntava nome, cor de tudo que ali estava, ele usa a expressão “regrediu muito”.

Retornamos a sala de recurso para que a criança fizesse as atividades, aluno faz o sinal diz que não quer fazer, o professor diz que “realmente é muito cansativo, abusado e ele é uma criança. são muitas atividades acumuladas”. Na hora do intervalo a criança surda brinca com criança de difícil convívio com os demais alunos: o “Helio” depois do intervalo o aluno continuou a fazer as atividades aparentemente a criança está desmotivado, mas não deixou de fazer. O professor interprete faz um exercício coloca uma atividade de pintar e outra de responder para motivar o aluno neste dia não deu pra terminar todas as atividades professor disse que terminaria no dia seguinte.

No dia 04/10/2019 a criança teve acompanhamento do interprete. A aula iniciou na sala de recursos, primeiro momento colocou hino Nacional em língua de sinais depois desenhos, hoje é dia de momento cívico professor diz que “não irei levar ao pátio, é muita bagunça, ele não presta atenção, fica muito disperso, tem muita atividade acumulada pra fazer”.

O aluno pede para beber água e logo retorna, conversar com interprete. Quer ir pra fora devido movimento das demais crianças, hoje ouve somente duas apresentações, a turma jardim II que estou observando não apresentou, o interprete coloca sempre a em sua frente, o professor interprete pede pra fazer uma apresentação, mesmo fala pra as crianças “crianças vocês lembram que eu falei a vocês que o Luiz Otávio e surdo e mudo? A crianças respondem que sim! Pois é a língua dele é Visio – gestual, ou seja, ele comunica-se através de gestos feitos pelas mãos”.

O professor pergunta se eles sabem o alfabeto todos responde que sim, “pois agora iremos fazer e falar o alfabeto em língua de sinais á língua que o Luiz Otávio”, diz o professor. Entendi todos ficam alegres. O professor faz os sinais e as crianças reproduzem os mesmos sinais, encerra o momento cívico e as crianças retornam pra sala, o interprete e a criança retornam a sala de recurso para que o mesmo termine as atividades acumuladas com toda paciência o professor vai auxiliando o aluno, alternando uma atividade de pintar outra de responder até concluir. Segue em anexo foto do (ILS) Interprete em Língua de sinais.

Para realização da terceira observação foi utilizada uma estratégia, como aparentemente as aulas com professor regente não se via mudanças em relação do tratamento e metodologia do mesmo com a criança surda, optei por dá um intervalo para realização da mesma.

Sendo assim retornei ao pré-escolar Santa Terezinha no dia 21/10/2019, porém o aluno não compareceu na aula entrei em contato com a mãe do aluno para saber o porquê a criança não tinha ido a aula a mesma respondeu: Luiz Ótávio disse por várias vezes que não queria ir a aula, chamei ele até disse que o professor interprete iria, mais mesmo assim não quis ir” (Evacy Campo, mãe do aluno Luiz Otavio).

Retornei à escola na terça-feira, porém o interprete fora remanejado para outra escola como o mesmo faz atendimento para duas crianças no município, o aluno da outra escola teria prova nos dias 24 e 25 e precisaria da presença do interprete, portanto o professor teve que antecipar o acompanhamento com aluno do pré-escolar nos dias 21/10/2019 e 22/10/2019.

Tendo em vista estes aspectos retornei na escola no dia 31/10/2019 para execução da terceira observação, como de costume o professor coloca desenhos antes de iniciar a aula, depois faz a chamada mais não chama o nome da criança só coloca presença, á muita conversa em sala professor reorganiza as crianças separando os grupos que estão conversando.

O professor teve que sair pra imprimir as atividades pediu que eu ficasse olhando as crianças, ao retornar foi até a cadeira do aluno surdo e auxílio com a tarefa era uma árvore, o professor sentou ao lado do mesmo ensinou a fazer seu nome e marcou com (x) as cores que era pra ser utilizadas para pintar as folhas e o tronco. A criança pintou corretamente respeitando as curvas e linhas. O mesmo elogia a criança fica contente por ele ter realizado a atividade com perfeição, professor mostra a coordenadora a tarefa do aluno e diz: “O Luiz Ótávio fez seu nome sozinho eu só o auxiliei, mostrando as letras que deveria ser usadas, e colori perfeitamente, pinta melhor que muitas crianças.” (Professor Pedro, 26/09/2019).

O professor entrega outra atividade diferente para as demais crianças, explica no quadro passo a passo, o aluno surdo continua pintando sua atividade, ao terminar sua atividade começa andar pela sala, tira atenção de um aluno que está respondendo sua tarefa saída sala de aula, ao chegar coloca sua cadeira ao lado de um aluno e continua tirando atenção do mesmo. O professor o muda de lugar, tira de perto da criança e ele começa a chorar. O colega levanta da sua cadeira e explica a ele fazendo gestos, que ele não pode sentar ao lado dele tem que ficar em fileiras, outro coleguinha levanta e limpa as lágrimas do aluno surdo com sua blusa.

O aluno surdo fica bem irritado com o professor e até faz gestos de raiva pra ele, professor faz sinal que não pode que todos devem ficar um atrás do outro. Há muitas conversas paralelas em sala, professor pede as crianças fazer silêncio todo instante, professor começa a passar nas cadeiras dos alunos “ouvintes” para ver se estão fazendo a atividade alguns não estavam, e outra criança rasgou a atividade.

A diretora vai até a sala, e me chama para que pudéssemos separar os documentos tinha pedido passei em torno de uns 30 minutos na coordenação, como eu demorei muito o aluno, me procura pela escola ao me encontrar faz sinal me chamando pra voltar pra sala, todos que estavam ali ficam espantados com atitude do aluno, alguns começaram a sorrir. “Acredito que as crianças pensem que estou na sala para auxiliá-lo.

Ao retornar para sala vejo que a dispersão das crianças continua, mais chega á hora do lanche. No recreio o aluno brincou bastante, correndo com as demais crianças. Ao retorna pra sala de aula professor passa outra atividade, como é só para colorir não precisa responder, professor diz as crianças que podem juntar as mesas, meninos com meninos e meninas com meninas eles fazem essa atividade até chegar o momento de ir pra casa.

3.4 A comunidade escolar e o dia nacional do surdo

Foi realizado pela primeira vez na cidade de Tocantinópolis/TO o 1º encontro de pessoas com necessidades auditivas, organizado pela professora surda Fabiane Silva Barroso,

especialista em Libras educação inclusiva Psicóloga. Onde reuniu muitos surdos da cidade local e cidades vizinhas. Foi um momento de muito aprendizado. Neste encontro foi explanado sobre as leis e direitos da pessoa com necessidades auditivas e empoderamento do surdo.

Todo evento foi ministrado com a presença de quatro interpretes, pois a maioria do público eram pessoas surdas, e os interpretes se revezavam durante todo o evento.

A assistente social Jose Dilma Milhomem da C. Ribeiro, falou acerca dos direitos da pessoa com deficiência de modo geral, estatuto da pessoa com deficiência lei 13.146/2015. Sendo assim as famílias que ali estavam presentes puderam conhecer sobre alguns direitos que a mesmas não tinham conhecimento, a mãe da criança a qual está sendo servindo de objeto de pesquisa para esta monografia pontua que, “alguns direitos não passam do papel, de leis que não são cumpridas. A mesma explana, sobre direito que a criança tem em ir ao especialista otorrino pelo município, porém a uma demora para liberação do exame que chega a ser de um ano”, a mãe diz que ele foi somente uma vez, e que sua família custeou tudo.

A professora Fabiane Barroso explanou acerca do empoderamento do surdo, deu exemplo de sua trajetória, dificuldades, desafios ao longo da sua vida. A mesma pontuou a importância das pessoas com necessidades auditivas torna-se independentes, todos são capazes tem de fazer, ir correr atrás dos seus sonhos e objetivos assim como ela fez. A mesma deixa claro que: “Temos necessidades auditivas, mais podemos lutar por nossos sonhos, objetivos, ir ao mercado de trabalho, fazer um curso superior” (...) (Professora Fabiane Barroso). A mesma ainda pontua que os surdos têm que entender que a língua deles é Visio – gestual com toda sua estrutura linguística, gramatical e a mesma não impossibilita deles viverem na sociedade, ir à busca dos seus sonhos. Neste momento a mãe da criança sente-se motivada pelas palavras da professora, e diz:

Realmente meu filho pode ir mais além que eu imagino e eu como mãe tenho que motivar, incentivar e correr juntamente com ele para que assim conquiste seus objetivos (CAMPOS, 26/09/2019).

A mesma recorda do processo de alfabetização, do seu irmão que é surdo profundo, na qual teve muita dificuldade no seu processo de ensino aprendizagem, deve seus direitos negados por falta de alguém que lhe instruisse e por não conhecer os mesmos. Logo após foi feita uma apresentação em LIBRAS, da música “Meu Abrigo” de Melim.

No último momento foi de confraternização aberto para comunidade surda e ouvintes dialogassem trocas de experiências entre os surdos, e com ouvintes, via-se, língua Visual motora e língua falada no pátio.

3.5 Considerações sobre as observações no ambiente escolar

Tendo em vista os argumentos apresentados em sala de aula contemplaram que, pelo fato do professor regente não ter conhecimento em língua de sinais, acreditasse que a ausência do interprete prejudica o desenvolvimento do aluno o aluno. Conforme Lacerda, Santos e Caetano. Quando refletimos sobre a presença do ILS em sala de aula, devemos nos lembrar de que esse profissional possibilitará o acesso às informações e conteúdos ministrados pelo professor ao aluno surdo, traduzindo e interpretando da língua de sinais para a língua portuguesa e vice e versa, ou seja, sua atuação depende diretamente da parceria estabelecida com professor.

É muito raro encontramos escolas que utilizem a língua de sinais em sala de aula. O que o corre em muitos casos é que os alunos conversam entre si pela língua de sinais, mas as aulas são ministradas em português, por professores ouvintes que não dominam a Libras, o que praticamente impossibilita compreensão por parte dos alunos. (GOLDFELD, 2002, p.45)

As aulas são realizadas normalmente para alunos ouvintes, de modo que a surdez do aluno não é levada em consideração nas aulas com professor regente, o professor tem conhecimento da limitação da criança, porém quando se tem alguma atividade que retrata a realidade do aluno: como a atividade dos órgãos dos sentidos o mesmo não sabe lidar ou questionar sobre tal. Os professores não têm formação continuada em Língua de sinais ficando o ensino e aprendizagem do aluno prejudicada.

Faz-se necessário saber por que atividade proposta em sala e todo material pedagógico são para ouvintes e não é adaptada a realidade do aluno surdo. Percebo que tanto a criança quanto interprete não se sente motivado o profissional, pelo fato de não ter materiais apropriados para que a criança tenha ensino e aprendizagem adequada.

Contudo devido o aluno ter acompanhamento do interprete somente duas vezes na semana, faz com que a criança fique desmotivada e pelo acumulo das atividades ao decorrer da semana. A criança está inserida na instituição escolar “Pré-Escolar Santa Terezinha, mais esta inclusão está longe de se tornar convergente, o sistema permite que este aluno seja incluso, mais a mil falhas, o que é refletido também em outros estudos:

As crianças surdas geralmente não têm acesso a uma educação especializada e é comum encontramos em escolas públicas e até particulares, crianças surdas que está há anos freqüentando estas escolas e não conseguem adquirir em modalidade oral nem a modalidade escrita da língua portuguesa, pois o atendimento ainda é muito precário. (GOLDFELD, 2002, p.37).

Pelas observações dos aspectos analisados percebi durante três dias quando somente o professor regente está em aula, que a criança surda fica excluída no momento das atividades por alguns fatores: primeiro o professor desconhece a língua do mesmo, contudo é difícil auxiliar a criança em atividades mais complexas e até mesmo na mais simples demanda tempo e o professor não se sente responsável pelo aluno surdo. Contudo quando o aluno “ouvinte” tem dificuldade com as atividades ele auxilia. Segundo o mesmo é ciente que o aluno terá o auxílio do interprete duas vezes na semana sendo assim não auxilia o aluno.

Terceiro o professor somente importa se o aluno está ocupado em sala de aula “colorindo” as atividades. É uma estratégia de manter a criança em sala “quieto” mas, que não aparente demonstrar preocupação com o processo de alfabetização da criança surda pois desconhece LIBRAS.

É imprescindível que não somente o interprete, mais todos os profissionais da instituição escolar, secretaria de educação do município, ter conhecimento da relevância do processo de alfabetização do aluno com surdez, é de suma relevância que o mesmo tenha um atendimento adequado para sua necessidade.

“Resta assim a, lei 10.436/2002 de 24 de Abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras sair da formalidade e viver a realidade dos “10 milhões de surdos brasileiros”, para que os mesmos estejam desde cedo inseridos na sociedade, mercado de trabalho, nas universidades e aonde os mesmos almejam chegar.

3.6 “Minha profissão é na área da surdez”

Nesta entrevista será abordada sobre o processo de formação professor Oderlan Nobrega Carvalho o mesmo trabalha a oito anos como tradutor e interprete, tem formação em letra Libras e pedagogia é concursado no município de Tocantinópolis - TO, e a um ano está na instituição escolar pré-escolar Santa Terezinha como interprete do aluno surdo Luiz Ótávio, ficando como principal responsável pelo processo de alfabetização e aluno com surdez.

E quando questionado sobre sua profissão o mesmo sente tristeza, apesar de que este profissional sabe sua área de atuação, seu valor e a sua importância no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo, o mesmo sente-se desvalorizado, pela secretaria de educação do município por não compreenderem a sua atuação no processo de ensino da criança e por alguns profissionais. Quando pergunto como interprete vê, a inclusão do surdo no Brasil, o mesmo relata que esta inclusão não acontece, os professores e a instituição até tenta entender a realidade

do aluno, porém na existe uma adaptação nos materiais pedagógicos e as atividades não são adaptadas em língua de sinais.

Relata o interprete que os professores que trabalham na escola não tiveram língua de sinais no seu processo de graduação, sendo assim desconhece a mesma, e alguns tem se esforçado já sabem alfabeto em sinais, alguns objetos, frutas(...) mas está longe de conhecerem esta língua, a mesma tem toda estrutura lingüística que a língua oral na qual requer tempo para aprender.

O interprete ainda relata que ouve um regresso no ensino e aprendizagem do aluno, devido o mesmo só receber acompanhamento duas vezes na semana. Levando em consideração esses aspectos analisados o interprete relata que faz necessário saber que, a língua de sinais como segunda língua oficial do Brasil deve chegar até educação básica, se os alunos surdos e alunos ouvintes tivessem a mesma como obrigatória, muito problema que comunidade surda enfrenta hoje teria sido resolvido, “atualmente os cursos de graduação tem sido ofertado (LIBRAS)”. Língua Brasileira de Sinais

Levando em consideração os aspectos explanados, o interprete destaca que a relação do aluno surdo com as demais crianças “ouvintes” é bem positiva, apesar deles não entender língua de sinais, as crianças não excluem, tentam mediar apontando para objetos e através de mímicas, isso faz com que o aluno, não fique tão isolado na escola “também fico feliz, pois as demais crianças deseja essa comunicação, embora a sociedade não compreende a pessoa surda”.

3.7 “A nossa história”

Nesta entrevista será abordada história da família do aluno surdo, a partir do diálogo com Evacy Campus de Jesus de 28 anos, mãe do aluno surdo Luiz Ótávio. Ela relata que na família há mais dois casos de surdez, sendo o primeiro caso, seu irmão com surdez profunda, e seu processo de ensino e aprendizagem foi muito conturbado ficando o mesmo passar até três anos na mesma serie, por não ter atendimento adequado na instituição escolar, pelo não cumprimento do decreto 5626/05, o mesmo foi bastante prejudicado em todo seu processo de ensino. Em fim concluiu o ensino médio, e março de 2016, foram em busca de um futuro melhor:

Resolvemos mudarmos á cidade de Porto Nacional no estado do Tocantins, onde o mesmo iniciou curso de graduação em (LIBRAS) Língua Brasileira de Sinais, nós morávamos muito longe da universidade, o deslocamento dele, se dava através de bicicleta a princípio ele ia sozinho, depois comecei acompanhá-lo, pois o mesmo envolveu-se com outra, aluna surda, e como não conhecíamos ninguém na cidade, eu

minha mãe ficamos com medo usamos a estratégia, eu ficaria acompanhando nas aulas. (CAMPOS, 26/09/2019).

Neste momento a mesma sente tristeza quando recorda da história, pois o seu irmão não concluiu a graduação, devido seu envolvimento amoroso, hoje a mesma é sua atual companheira, relata a mesma que ela, fez com que ele desistisse assim como ela desistiu também da faculdade, para trabalharem e assim mudarem para outra cidade.

Segundo caso de surdez na família é de sua sobrinha de seis anos, a mesma mora na cidade de Buritirana no estado do Maranhão. Relata que a briga pelos direitos da criança foram grande os pais da criança entraram com ação junto ao Ministério Público, em busca dos direitos da mesma, pois, as instituições de ensino da cidade não oferecem recursos e matérias adequados para o ensino aprendizagem da mesma e o ensino que os pais da criança procuravam somente era oferecido na cidade de Imperatriz- MA, mas como não tinham recursos financeiros para percorrem o trajeto todos os dias, recorreram ao município da cidade de Buritirana para que, o prefeito disponibilizasse um (automóvel) porém este pedido foi negado, segundo entrevistada:

Como recurso que o município recebe por ter uma criança com necessidades auditiva é bem considerável eles não queriam perder a criança. (CAMPOS, 26/09/2019)

Contudo seus pais entraram com uma ação contra o município, ganharam a causa, e desde seus primeiros anos a criança tem atendimento escolar em Língua Brasileira de Sinais ela é bem desenvolvida, a escola abriga somente alunos com surdez, e os materiais metodológicos e as atividades são todas em língua de sinais na cidade de Imperatriz - MA.

Os professores a recebem muito bem, com vontade de ensinar, eu passei um dia na escola e pude perceber o quanto os mesmos se dedicam para o ensino aprendizagem do aluno surdo, os alunos confeccionam seus matérias didáticos como dado entre outros e as tarefas são todas em letras Libras, minha sobrinha conversa fluentemente em língua de sinais com apenas 6 anos pois desde cedo teve ensino apropriado a sua realidade. (CAMPOS, 26/09/2019)

De acordo com a entrevistada sua cunhada acompanha todos os dias a criança, até escola, fez curso rápido em Libras, e também ler muito sobre o assunto, “ela me forneceu muitas apostilas para que eu entendesse e reconhecesse as leis que meu filho tem por direito e isso fez com que eu abrisse minha mente, foi através dela que hoje aprendi e sei de muitos direitos”.

Terceiro caso de surdez é com meu filho Luiz Ótávio explana a mãe, descobriu que a criança tinha necessidades auditivas com dois anos de idade, quando foi passar Natal e ano Novo na residência do seu irmão em Buritirana, e o seu irmão perguntou se ela queria fazer os exames, relata a mãe que pelo município da cidade de Tocantinópolis, havia uma grande demora

na liberação dos exames chegando a ser de um ano a liberação dos exames e o município não custeava seu deslocamento para cidade de Colinas - TO, onde era realizado todo procedimento, sendo que a mesma não tinha condições financeiras para percorrer este trajeto até a cidade.

Relata a mãe que seu irmão organizou tudo para que todos os exames fossem realizados na cidade de Imperatriz- MA, e lá a médica detectou que a criança tinha 50% da sua audição comprometida, sendo que com ajuda do aparelho auditivo ele poderia ouvir. A criança ganhou aparelho mais não retornaram “como todo o procedimento foi feito pela cidade de Buritirana o município não daria suporte, pois a mesma morava em outra cidade e por lá foi tudo mais rápido” a mãe da criança nunca mais procurou seu município para fazer retorno ao médico e também não foi feito nenhum outro exame para ver se houve avanço ou regresso na audição. Segundo a mesma: “Eu não corri mais atrás em fazer os exames neste sentido eu estou muito lerda, até porque hoje eu estou mais instruída e sei que ele tem direito de fazer esses exames, e que o município tem por obrigação amparar meu filho”.

3.8 A comunicação entre mãe e filho

De acordo com a mãe do aluno surdo sua comunicação com o mesmo é um pouco difícil ela tenta entendê-lo mais pelo fato do mesmo não conhecer e por ter esquecido alguns sinais da sua língua, a criança fica um pouco confusa “as” vezes ele diz uma coisa em língua de sinais, ela responde, porém ele diz que não é ou este errado “eu pesquiso e digo a ele que estar certo mais ele é bem teimoso”.

De acordo com a mãe da criança, a mesma aprendeu o básico pelo Youtube, pelo convívio e também fez um curso rápido em língua de sinais.

Meu conhecimento posso dizer que é superficial mais tenho força de vontade de aprender ir buscar, pois quanto mais você conhece língua de sinais mais você quer conhecer e é uma língua totalmente diferente e por um simples sinal você expressa o seu sentimento, o que está acontecendo. (CAMPO, 26/09/2019)

O auxílio com as atividades é em língua de sinais, se dá através de pesquisas na internet, quando não sabe de um sinal ou palavra. “Como ele ainda está no pré-escolar geralmente as atividades são de fácil compreensão e as mais complexas não auxílio ele faz com interprete”. Segundo mãe recentemente foi passada uma tarefa pra casa que relatava o grupo familiar onde tinha mãe, pai irmãos” (...) ela explicou toda estrutura familiar em língua de sinais dando exemplo da sua família ele compreendeu e conversamos a respeito relata a mãe.

No momento que pergunto a mãe como ela vê a atuação da escola com a criança ela “chora”, pois recordou que no ano de 2018 ela via a instituição escolar mais motivada pela aprendizagem da criança. Acredita que tem sido pelo fato de ser o primeiro aluno surdo que passava pela escola e por ser novidade ele foi bem recebido, principalmente por sua antiga professora a mesma cobrava muito dele tentava comunica-se e inserir ele na sala de aula, o acompanhamento do interprete era durante toda a semana.

E neste ano de 2019 ele esta se perdendo, principalmente no alfabeto eu faço uma letra ele diz que estar errado, antigamente ele fazia as tarefas sozinho, pedia para eu sair era mais motivado hoje ele pede até pra auxiliá-lo, pegar na mão dele com o lápis. (CAMPOS, 26/09/2019)

Hoje a mãe não ver a atuação do professor regente com o seu filho, “acredito que ele não sente responsáveis pelo Luiz Ótávio somente o interprete e isso me preocupa”. Segundo a mãe a criança sempre fica isolado.

É o que sinto quando o deixo na sala de aula, o meu filho sempre senta no mesmo lugar desde início do ano como se aquele lugar, aquela cadeira é do Luiz e mais ninguém pode sentar, e ele não pode mudar de lugar. (CAMPOS, 26/09/2019)

Relata a mãe que, no ano de 2019 a mesma via mais interação da professora, das crianças com aluno surdo, ela via ele mais livre, mais a vontade em sala de aula “ele sentava aonde ele queria, também não tinha divisão na sala de meninos e meninas, era todos misturados” relata a mãe que a melhor amiga do meu filho era uma menina:

Hoje vivemos em mundo moderno não precisa ter esta divisão de menino pro lado, menina pro outro, o surdo e mudinho senta em outro lugar excluído dos coleguinhas, a coordenadora da escola tenta incluir ele, eu sinto o interesse dela para com Luiz mais sozinha ela não vai conseguir, os professores que deveriam incluí-lo são os que excluem. (CAMPOS, 26/09/2019)

Em relação ao interprete a mãe vê o mesmo como uma “Benção que entrou na vida do meu filho”, nesse momento ele emociona-se, pois sente a dedicação por parte do mesmo para com a criança, empenho no processo de ensino e aprendizagem do seu filho, infelizmente foi negado o acompanhamento todos os dias do interprete.

Em relação aos seus colegas de sala com aluno surdo ela vê que os meninos homens são bem comunicativos para com a criança surda, a mãe até fala sobre o seu colega “Hélio” ela diz “que sempre vê o carinho que ele demonstra pelo meu filho”. Ela deixa claro que o ano letivo esta acabando a mesma nunca viu uma coleguinha “menina” abraçar ou falar com ele. “eu sinto que as meninas não gostam ou até mesmo não nunca falaram com meu filho”.

3.9 “Meu processo de formação foi através do magistério”

Esta entrevista foi realizada com o professor regente Pedro Airton Ferrer de 55 anos de idade. A quinze anos o mesmo trabalha na rede municipal e seu processo de formação se deu através do magistério, o mesmo não teve formação em LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais, e o município não oferece essa formação “eu aprendo um pouco com professor interprete em sala de aula”, a três anos trabalha no pré-escolar Santa Terezinha, sendo que entrou como monitor de uma criança especial no ano de 2018 onde foi sua primeira experiência. Neste ano de 2019 o mesmo é professor regente e tem em sala de aula o aluno surdo e mudo Luiz Otávio.

Eu procuro tratar o aluno igualmente como os demais alunos para que ele se sinta parte de um contexto, para que ele não se sinta excluído, e todas as atividades eu incluo ele, seja em sala de aula ou fora da sala nas atividades de movimento “Educação Física”. (FERRER, 26/09/2019)

Quando eu pergunto ao mesmo se á alguma atividade que retrate a realidade do aluno surdo, o mesmo para fica pensativo olha pros lados e responde. “Especifica para aluno surdo. Não. Essas atividades próprias a ele são feitas pelo professor de Libras e quando tem uma atividade de difícil compreensão por exemplo, palavras cruzadas ele não faz, eu aplico uma atividade de pintura”. Professor afirma que é suma relevância a presença do interprete em sala de aula, porém este ano a criança está usufruindo o interprete apenas duas vezes na semana:

Eu gostaria que o professor ficasse em sala a semana toda, pois ele iria compreender os conteúdos propostos assim como os demais alunos eu vejo a necessidade que a criança tem em entender as tarefas quando tem atividades de matemática e português e o interprete não está presente, o aluno não faz esse tipo tarefa eu utilizo uma atividade para ele pintar. (FERRER, 26/09/2019)

O professor esclarece que a socialização do aluno surdo com os demais colegas é de suma relevância, a criança estar em grupo é muito importante para o processo de ensino e aprendizagem do mesmo. Relata o professor que quando a criança entrou na escola, era difícil a convivência com as demais crianças, ele não sabia brincar em grupo era muito nervoso vivia batendo as outras crianças.

Por várias vezes durante a aula o Luiz Otávio pede pra ir ao banheiro ou beber água quando interprete não está em sala de aula, eu tento me comunicar com ele fazendo sinal de não pode, mas, para que ele entenda que não poderá sair mais, e ele compreende. Antes ele ficava muito irritado chorava, e acabava saindo hoje ele compreende e não sai da sala e isso se deu

pela convivência ele entendeu que na escola tem regras e tem que cumprir (FERRER, 26/09/2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela observação dos aspectos analisados durante a entrevista com professor interprete é sabido que o mesmo tem conhecimento da sua área de atuação, e da sua importância no processo de aprendizagem do aluno com surdez, o seu tratamento com a criança é bem positivo o mesmo procura sempre metodologias adequadas a realidade do aluno, porém o mesmo sente-se desvalorizado e oprimido pelos seus superiores, pois de fato não sabem sua área de atuação e

pelo fato de não ter materiais adequados para o processo de aprendizagem do aluno também possibilita conflito. Se a escola não se atentar para a metodologia utilizada e currículo proposto, as práticas acadêmicas podem ser bastante inacessíveis ao aluno surdo, apesar da presença do intérprete. (LACERDA; SANTOS; CAETANO, 2018)

Dessa forma faz-se necessário saber pelos fatos mencionados que o professor regente até tenta inserir o aluno nos momentos das aulas, contudo pelo fato do mesmo não ter conhecimento em língua de sinais, sua comunicação com a criança é limitada, não tem como o professor auxiliar o aluno em atividades mais complexas. Contudo para que o aluno não seja excluído em sala o professor ocupa a criança com atividades para “colorir”, porém quando o aluno termina a tarefa o mesmo fica disperso em sala.

A perspectiva médica oralista de reduzir o surdo apenas a condição de deficiente auditivo é insuficiente. É preciso concilia - lá com perspectiva antropológica que reconhece o surdo como membro de uma cultura sinalizadora. (CAPOVILLA; CAPOVILLA; VIGGIANO; MARCIA, 2004, p.167)

Em vista dos argumentos apresentados conclui-se que a mãe da criança é instruída, preocupa-se com a aprendizagem do seu filho, pelo fato do seu irmão ter passado por situações mais constrangedoras em seu processo de ensino, a mesma tem procurado os direitos que o filho goza, a mesma tem buscado cursos rápidos de formação em língua de sinais, instruções pelo Youtube para que assim tenha um relacionamento mínimo digno para com a criança.

É sabido que 90% dos surdos têm família ouvinte. Para que a criança tenha sucesso na aquisição da língua de sinais, é necessário que a família também aprenda esta língua para que assim a criança possa utiliza - lá para comunicar-se em casa. (GOLDFELD, 2002 p. 44)

Diante das colocações fica evidente que muito foi alcançado durante toda trajetória pelo reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), contudo as leis e decretos que ampara as pessoas surdas carecem de sair de documentos para que a comunidade surda tenha um atendimento adequado, nas escolas, comunidade e na sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes da Educação Nacional LDB**. 9394, de 230 de dezembro de 1996.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília; Imprensa oficial, 1988.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.**

_____. Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial. **Lei Nº.5.626, de 22 Dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei 10.436, 24 de abril de 2002.

CAPOVILLA; F.C. CAPOVILLA A. G. S. VIGGIANO, K. Q. BIDÁ, M. C. P. R. Avaliando a compreensão de Sinais da Libras em Escolares Surdos do Ensino Fundamental. **Interação em Psicologia**, 2004, 8(2), p. 159-169.

CAPOVILLA, F. C. (1998). O implante coclear como ferramenta de desenvolvimento linguístico da criança surda. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, 8(1/2), 26-88.

GÓES, M. C. R **Linguagem, Surdez e Educação.** 2º edição, Autores Associados Campinas, SP 1999

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda.** 2º edição, São Paulo, Plexus, 2002.

GONÇALVESH. B. e Festa, P. S. V. **Revista eletrônica Metodologia do professor no ensino de alunos surdos** p. 8-13, Curitiba 2013

LACERDA, *Cristina B.F. de.* Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cad. CEDES [online].** 1998, vol.19, n.46, pp.68-80

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, Para quê?** 3 ed. São Paulo:

LACERDA, C. B. F. Santos L. F. **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução á Libras e educação de surdos, São Carlos, (2018), p. 254

MINGUETE, PILAR AZNAR. **A construção do conhecimento na educação.** Porto Alegre: Artmed, 1998

MONTE, F, R, F (2005). **Inclusão na Educação Infantil; concepções de educadores de creche.** Dissertação de Mestrado em conclusão.

MOORES, D. **Educating the deaf, psychology, principles and practice.** Boston: Houghton MifflinCo. 1978.

NETTO, A. P.; COSTA, O. S. **A importância da psicologia de aprendizagem e suas teorias para o campo do ensino aprendizagem.** Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 27, n. 2, p. 216224, 2017. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/artticle/download/4495/3090>.

SOUSA, R. M., Nuria Silvestre, **Valeria Amorim Arantes, Educação de surdos: pontos e contra pontos** 5ª ed. São Paulo 2016 (coleção pontos e contraponto)

PACHECO, J. & ESTRUC, R. **Curso Básico da Libras** (Língua Brasileira de Sinais). Apostila adquirida pelo site www.surdo.org.br – ©Copyright.2011.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

QUADROS, R. M. de. **Alfabetização e língua de sinais**, Campinas, 2º semestre de 2000, p.5361.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. Língua de sinais brasileira. Coleção Cadernos CED n. 13, QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: ARTMED, 2004. 221 p. <https://periodicos.ufsc.br>. Acessado em 02/10/2019.

VYGOTSKY, Lev Semyonovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. **Henri Wallon: a evolução psicológica da criança**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Psicologia e Pedagogia)

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Oderlan N. Carvalho, nacionalidade Brasileiro,
 estado civil Solteiro, portador da Cédula de identidade RG nº. 0001117273994, inscrito no
 CPF sob nº 01681998319, município de Imperatriz,
 UF, MA representante da entidade, _____.

AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada em relatórios e atividades de divulgação dos trabalhos pela Universidade Federal do Tocantins - UFT, com sede Av. Nossa Sra. de Fátima, Tocantinópolis - TO, Curso da Educação do Campo na V Jornada Universitária pela Reforma Agrária, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: redes sociais (Facebook, Instagram, Whatsapp, entre outros). Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Tocantinópolis, dia 05 de Novembro de 2019.

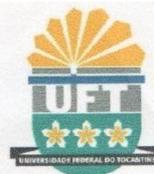
Oderlan N. Carvalho

(assinatura)

Nome: Oderlan N. Carvalho
 Telefone p/ contato: (63) 9918-2454

APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICO/CIENTÍFICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 CÂMPUS DE TOCANTINÓPOLIS
 CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
 Avenida Nossa Senhora de Fátima 1588 | 77900-000 | Tocantinópolis/TO
 +55(63) 3471-6020 | educacaocampotoc@uft.edu.br



AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICO/CIENTÍFICA

Pelo presente termo, autorizo Rayssoane Moraes dos Santos discente do curso de Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música, do campus Universitário de Tocantinópolis, Universidade Federal do Tocantins, matrícula número 2016112199, orientado pelo Prof. Dr. Maciel Cover, docente vinculado ao Curso de Educação do Campo da UFT, Tocantinópolis, matrícula número 2228199, a realizar a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC intitulada: **“Abordagens pedagógicas para surdos na fase pré-escolar: um estudo de caso na escola pré-escolar Santa Terezinha”**, a ser realizada no pré-escolar Santa Terezinha na cidade de Tocantinópolis, estado do Tocantins. A estudante pesquisadora realizará a coleta de dados por meio de observação em sala de aula; entrevistas com professores, pais e alunos; leitura de leis, decretos, e outros documentos oficiais, se comprometendo a dar retorno do resultado deste estudo.

Rayssoane Moraes dos Santos

Assinatura do(a) estudante/pesquisador(a)

Urinilda de Maria Sorocino

Assinatura do responsável
pela instituição a ser pesquisada

Leon De Paula

Assinatura do(a) Professor(a)/Orientador(a)

Leon De Paula

Assinatura do Coordenador do Curso de
Educação do Campo da UFT, Campus
Tocantinópolis-TO
Prof. Leon De Paula
Educação do Campo
UFT- Tocantinópolis
Matricula 1449983

Tocantinópolis, 24 de setembro de 2019.

LIBRAS

(Língua Brasileira de Sinais)



Fonte: <https://www.skoob.com.br/curso-basico-da-Libras-248059ed277779.html>

ANEXOS

ANEXO A - FACHADA DA ESCOLA

Fonte: autora Rayssoane Moraes, 26/09/2019

ANEXO B - INTERPRETE DE LIBRAS

Fonte: autora Rayssoane Moraes, 26/09/2019

ANEXO - ATIVIDADE ESTUDO DA CONSOANTE R

ALUNO (A): Raysoane Moraes

DATA: ___/___/___ INFANTIL III

R ESTUDO DA CONSOANTE R.

R r
R r



RATO

ESCREVA COM
CAPRICO A LETRINHA -R.

R R R R R R

R R R R R R

r r r r r r

PINTE SOMENTE A LETRINHA R.

ÁRVORE

MACARRÃO

CARROÇA

FERA

ARROZ

BARATA

CARTA

40

Fonte: autora Rayssoane Moraes, 26/09/2019

ANEXO - PRIMEIRO ENCONTRO EM TOCANTINÓPOLIS DA COMUNIDADE SURDAS



Fonte: autora Rayssoane Moraes, 26/09/2019